



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARISA DE CÁSSIA DOMINGUES SUBTIL DE ALMEIDA

**PSICOTERAPIA DE CASAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA:
A VISÃO DE EX-PACIENTES**

Londrina
2025

MARISA DE CÁSSIA DOMINGUES SUBTIL DE ALMEIDA

**PSICOTERAPIA DE CASAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA:
A VISÃO DE EX-PACIENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1.

Orientador: Profa. Dra. Máira Bonafé Sei.

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

ALMEIDA, Marisa de Cássia Domingues Subtil de .

Psicoterapia de casal na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina: a visão de ex-pacientes / Marisa de Cássia Domingues Subtil de ALMEIDA. - Londrina, 2025.
85 f.

Orientador: Máira Bonafé Sei.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025. Inclui bibliografia.

1. Psicoterapia de Casal - Tese. 2. Psicanálise - Tese. 3. Conjugalidade - Tese. 4. Projeto de Extensão - Tese. I. Bonafé Sei, Máira . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

MARISA DE CÁSSIA DOMINGUES SUBTIL DE ALMEIDA

**PSICOTERAPIA DE CASAL NA CLÍNICA PSICOLÓGICA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA:
A VISÃO DE EX-PACIENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Máira Bonafê Sei
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Maria Elizabeth Barreto Tavares dos
Reis
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Isabel Cristina Gomes
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
– IPUSP

Londrina, 18 de dezembro de 2025.

À Anderson, Renan e Lara, com muito
carinho!

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Máira Bonafé Sei, pela paciência carinhosa e dedicação incomuns, uma vez que me estendeu, não apenas a mão, mas em certos momentos me carregou no colo como uma Mãe Suficientemente Boa, que esteve presente em cada momento da elaboração deste estudo.

Aos casais que participaram desta pesquisa, contribuindo com o material a partir do qual ela se alicerçou, narrando suas experiências particulares, dentro do vínculo matrimonial. E que para tanto, precisaram confiar em meu trabalho e se colocarem à minha disposição. Sem estes, a continuidade e a conclusão da pesquisa não teriam sido possíveis.

A minha analista, Rosângela da Silva, que como minha grande incentivadora, desde a graduação, me fez ver que seria possível; que, com esforço, eu daria conta dos desafios.

Aos professores Maria Elizabeth Tavares, Sônia Mansano, Flávia Carvalhaes, Sílvia Nogueira, entre outros que, em cada disciplina, puderam ensinar, conduzir e orientar meu trabalho.

Aos meus filhos Anderson e Renan que sempre se mostraram orgulhosos de meus esforços.

Aos meus amigos e colegas de classe que me deram exemplos e contribuições. Alguns nem imaginam o quanto me ajudaram com o compartilhamento de seus trabalhos, suas dúvidas e realizações, sendo modelos para mim, e em especial a Ricardo da Silva Franco, companheiro de estudos, de trabalhos, de apresentações e de todos os desafios que uma graduação oferece.

Aos meus pacientes do consultório com os quais muito aprendi, a partir de cada caso, de cada desafio, de cada tipo de vínculo na conjugalidade construída.

A todos, meu muito obrigada!

Ah, se já perdemos a noção da hora
Se juntos já jogamos tudo fora
Me conta agora como hei de partir
Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos
desvarios
Rompi com o mundo, queimei meus navios
Me diz pra onde é que inda posso ir
Se nós, nas travessuras das noites eternas
Já confundimos tanto as nossas pernas
Diz com que pernas eu devo seguir
Se entornaste a nossa sorte pelo chão
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu
Como, se na desordem do armário embutido
Meu paletó enlaça o teu vestido
E o meu sapato inda pisa no teu
Como, se nos amamos feito dois pagãos
Teus seios inda estão nas minhas mãos
Me explica com que cara eu vou sair
Não, acho que estás te fazendo de tonta
Te dei meus olhos pra tomares conta
Agora conta como hei de partir

(Francisco Buarque de Hollanda & Tom Jobim,
1980, LyricFind)

Almeida, M. C. D. S. (2025). **Psicoterapia de casal na clínica psicológica da Universidade Estadual de Londrina: a visão de ex-pacientes**. 85 páginas. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

RESUMO

Os vínculos de aliança, filiação e fraternidade têm passado por intensas transformações ao longo dos anos, reverberando em mudanças na maneira como casais e famílias se organizam. Neste contexto, entende-se que a busca pela psicoterapia de casal pode surgir como uma alternativa face a impasses no relacionamento amoroso e familiar, ofertando um espaço para reflexão acerca dos papéis desempenhados, das alianças e pactos estabelecidos e aspectos concernentes às heranças geracionais. Tendo em vista tal contexto, objetivou-se investigar a visão de casais acerca da psicoterapia de casal, empreendida de forma presencial, na Clínica Psicológica da UEL, por meio de um projeto de extensão. Para tanto, foram entrevistados, de forma individual e após seis meses do término da psicoterapia, homens e mulheres que tivessem sido atendidos em psicoterapia de casal. A partir dos critérios de inclusão e exclusão, foram convidados sete casais que estavam nessas condições, tendo aceitado participar do estudo dois homens e cinco mulheres. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas a partir da análise de conteúdo temática. Foram estabelecidas as seguintes categorias de análise: Vivências e percepções dos ex-pacientes referentes à psicoterapia; Atuação profissional: intervenções e aliança terapêutica; A psicoterapia no serviço-escola e os atravessamentos institucionais. As categorias foram discutidas à luz do enfoque teórico da Psicanálise de Casal e Família. Como resultados, pôde-se observar que a psicoterapia psicanalítica de casal operou transformações nas relações estabelecidas entre os cônjuges, melhorando a comunicação, desvelando conteúdos inconscientes e que produziam impasses nas interações e até mesmo, os preparando para um desfecho de separação como a melhor saída para os cônjuges, inclusive, favorecendo a saúde mental dos filhos.

Palavras-chave: Psicoterapia de Casal; Projeto de Extensão; Psicanálise; Conjugalidade.

Almeida, M. C. D. S. (2025). **Couple's psychotherapy at the psychological clinic of the State University of Londrina: the perspective of former patients.** 85 sheets. (Masters Dissertation in Psychology). State University of Londrina, Londrina, 2025.

ABSTRACT

The bonds of alliance, affiliation, and fraternity have undergone intense transformations over the years, reverberating in changes in how couples and families organize themselves. In this context, it is understood that seeking couples therapy can emerge as an alternative to address impasses in romantic and family relationships, offering a space for reflection on the roles played, the alliances and pacts established, and aspects concerning generational legacies. Considering this context, the objective was to investigate the views of couples regarding in-person couples therapy at the Psychological Clinic of the State University of Londrina, through an extension project. To this end, men and women who had received couples therapy were interviewed individually six months after the end of their sessions. Based on inclusion and exclusion criteria, seven couples who met these conditions were invited, with two men and five women agreeing to participate in the study. The interviews were recorded, transcribed, and analyzed using thematic content analysis. The following categories of analysis were established: Experiences and perceptions of former patients regarding psychotherapy; Professional practice: interventions and therapeutic alliance; Psychotherapy in the Psychology service-school and institutional intersections. The categories were discussed in light of the theoretical approach of Couple and Family Psychoanalysis. As a result, it was observed that psychoanalytic couple psychotherapy brought about transformations in the relationships established between the spouses, improving communication, revealing unconscious content that produced impasses in interactions, and even preparing them for separation as the best outcome for the spouses, also favoring the mental health of the children.

Key-words: Couple Psychotherapy; Extension Project; Psychoanalysis; Marital Relationship.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Participantes da pesquisa	40
-------------------	---------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA DE CASAL: RESGATE HISTÓRICO	15
3	PSICOTERAPIA DE CASAL NO SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	25
4	AVALIAÇÃO DE SERVIÇOS E ESTUDOS DE SEGUIMENTO	31
5	OBJETIVOS	35
5.1	Objetivos gerais.....	35
5.2	Objetivos específicos.....	35
6	METODOLOGIA.....	36
6.1	Estratégia de pesquisa	37
6.2	Participantes.....	39
6.3	Instrumentos	40
6.4	Análise dos dados.....	42
6.5	Aspectos éticos.....	45
7	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	46
7.1	As vivências e percepções dos ex-pacientes referentes à psicoterapia	46
7.2	Atuação profissional: intervenções e aliança terapêutica	56
7.3	A psicoterapia no serviço-escola e os atravessamentos institucionais	62
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	71
	ANEXOS.....	79
	ANEXO A.....	80

Roteiro de Entrevista	80
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	81
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	83

1 INTRODUÇÃO

Lembro-me de, ainda na graduação, andar tremendo pelos corredores da universidade, em direção à sala de atendimento para realizar meu primeiro contato com uma família. Era, naquele momento, ainda estudante, que atuava como colaboradora de um projeto de extensão que propunha a psicoterapia com casais e famílias. A família a ser atendida era composta por pai, mãe e um casal de filhos. A menina com nove anos e o menino com cinco aninhos. A queixa e o motivo que os havia levado a buscar a ajuda terapêutica se centrava na menina. Contudo, por se questionar a localização da queixa em um “paciente identificado”, o acompanhamento psicológico na modalidade familiar visava destinar um olhar mais amplo, abrangendo o grupo como um todo e não apenas um único familiar.

Digo que eu tremia, pois, além de ser minha primeira experiência prática, a Psicoterapia Psicanalítica de Casal e Família traz consigo desafios para além daqueles enfrentados em um atendimento individual (Pennacchi & Thorstensen, 2022), já que ali se apresentam o aparelho psíquico de cada membro, mas igualmente um aparelho psíquico grupal (Kaës, 2011b; Porreca, 2019; Zanetti *et al.*, 2013; Levy & Féres-Carneiro, 2008; Mendes, 2021). Neste sentido, para Fernandes (2022), temos que “enfrentar o desafio de pensar o estatuto do sujeito do inconsciente em sua relação com a realidade psíquica inconsciente constituída no vínculo, no grupo familiar” (p. 18). Espera-se do psicoterapeuta que ele observe todos os comportamentos e se atente às narrativas de todos os membros deste grupo, para buscar compreender a dinâmica familiar.

Mais tarde, já formada e em meu consultório particular, tive a oportunidade de dar continuidade a essa configuração de atendimento, recebendo e acolhendo casais e famílias, que me forneceram a oportunidade de aprimorar meus aprendizados, de enfrentar diferentes desafios, de errar e acertar. Pude buscar compreender como tais vínculos se formaram, quais eram as expectativas conscientes e inconscientes de cada integrante do laço conjugal, como

havam se dado as interações e como haviam se estabelecido os diferentes lugares e papéis assumidos por cada membro do grupo na aliança que se firmava.

Com o passar do tempo e a partir destas vivências, surgiu-me o desejo e a necessidade de saber qual o destino destes pacientes, como daram andamento às relações conjugais e parentais, o que havia sido proveitoso a partir da experiência terapêutica, ou seja, quais haviam sido os desdobramentos de um trabalho tão singular e menos usual no campo psicanalítico. Assim, o mestrado apresentou-se como uma oportunidade de investigar a visão de ex-pacientes acerca da psicoterapia realizada em um serviço-escola de psicologia de uma universidade pública, a partir da especificidade da psicoterapia de casal, buscando compreender os processos e fenômenos implicados no atendimento realizado.

2 PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA DE CASAL: RESGATE HISTÓRICO

“Não há ninguém para quem o laço conjugal e/ou a relação amorosa não seja uma questão, ou mesmo não otorga conflitos, ansiedades e sofrimentos” (Pennacchi & Thorstensen, 2022, p. 11).

Nas diferentes épocas dos estudos das relações conjugais, encontram-se distintas conceitualizações do que seria um casal. Uma destas propostas aponta para parâmetros que poderiam definir tais configurações, como por exemplo a cotidianidade, a tendência à monogamia, a vivência da sexualidade e a existência de um projeto vital compartilhado (Puget & Berenstein, 1993). Por meio de tais parâmetros, seria possível distinguir o vínculo de casal de outras relações duais, não matrimoniais, bem como os pactos ou acordos inconscientes que gerem a relação.

Em uma definição mais atualizada e que acompanha as transformações sociais e culturais de nossos tempos, poder-se-ia dizer que um casal se refere a uma “Relação de duas pessoas que se designam mutuamente como escolhidas para fazer parte desse vínculo, com certa permanência no tempo (relação estável) e com habilitação para a sexualidade” (Weissmann, 2021, p. 68). Tal par pode ser composto por pessoas do mesmo gênero ou gêneros diferentes, bem como ter cumprido as formalidades do matrimônio ou não.

Observa-se que atualmente há uma pluralidade de configurações de casais e de famílias (Rodrigues *et al.*, 2017; Azevedo *et al.*, 2015), decorrentes das mudanças pelas quais sociedade e cultura passaram (Pennacchi, 2022; Ávila, 2021). Neste sentido, para Fernandes (2022), “a organização das famílias e a composição dos casais enfrentam revoluções sem precedentes, questionando-se as referências de vínculo e filiação, marcando-se arranjos imprevistos, acentuando-se a indiferenciação de fronteiras intergeracionais” (p. 17).

Dentre as alterações, têm-se os recasamentos ou casamentos de segunda união, em que se juntam os filhos do primeiro casamento, vigorando, com maior frequência, os lugares de madrasta e/ou de padrasto (Ramos, 2022). Quanto à mulher, ela conquistou um espaço importante no mercado de trabalho (Donnamaria *et al.*, 2010), podendo usufruir das relações sexuais sem o fardo apenas da procriação, com os homens precisando se adequar aos novos modos de relacionamento, a partir dos quais há uma divisão diferente de direitos e deveres (Ávila, 2021). Tem-se maior aceitação das uniões entre pessoas do mesmo sexo, que podem oficializar, de um ponto de vista legal, seus relacionamentos. As relações ficaram mais equânimes, com as tarefas domésticas compartilhadas entre os cônjuges, bem como a provisão das necessidades do lar e o cuidado dos filhos.

Destarte, é menor o número de casais que conserva um modo de se relacionar mais tradicional, a partir do qual a mulher se submete às demandas do parceiro e se mantém na função de prover os cuidados do lar e dos filhos, com pouca ou nenhuma participação nas decisões (Grizólio *et al.*, 2015). Quanto ao tema, Ávila (2021) ressalta que a divisão de papéis na qual o homem figura como provedor e a mulher como aquela que exerce o cuidado vigorou até o século XX, indicando se tratar da quase totalidade do período histórico. No que se refere à configuração da “família nuclear” composta por pai, mãe e filhos, Porreca (2019) pontua que ainda é uma das configurações considerada ideal e mais aceita na sociedade brasileira, apesar de suas fragilidades e limitações. Contudo, constata que há uma pluralidade de formas de se constituir uma família e que estas podem proporcionar relações satisfatórias, saudáveis e estáveis.

A independência da mulher permite que ela não mais tenha que se submeter a relacionamentos disfuncionais, somada a um contexto de menor tolerância às frustrações e conciliações, de ambos os cônjuges, necessárias à manutenção dos vínculos, ampliaram as taxas

de divórcios, com laços matrimoniais mais frouxos e suscetíveis a rompimentos. Gomes (2022) indica que os

ideais impostos pela cultura, como a exigência de igualdade entre os gêneros, a urgência de preservar certo grau de liberdade individual, o movimento insistente de preservação das diferenças, vêm afetando o que até então ditava as coordenadas para a formação dos laços familiares (p. 26).

Entende-se que estas mudanças são carregadas de benefícios, mas também implicam em inseguranças variadas, haja vista a falta de modelos a serem seguidos face à multiplicidade de papéis possíveis àqueles envolvidos no vínculo. Para Thorstensen (2022, p. 132),

A família atual se afastou do binarismo e surgem diversas formas, de diversos graus e intensidades de pertencimento para um mesmo sujeito segundo quais sejam as características familiares, ampliando as fronteiras das famílias com laços ainda sem denominação.

Novos lugares são ocupados sem muita referência de como atuar, já que se configuram como transformações ainda em curso, implicando em lacunas acerca de como legitimar e nomear os sentimentos e as novas possíveis posições. Pode-se ilustrar com a vivência de um casal homoparental, trazida por Rodrigues *et al.* (2017), em que tendo adotado dois irmãos, não sabiam como se denominar perante os filhos, optando pela nomenclatura “papai e papai” (p. 143). Como diferenciá-los com palavras? Quem deu uma saída para tal impasse foi, justamente, um dos filhos que, a partir da convivência e do vínculo construído, sugeriu que o pai que ficava mais em casa e que, supostamente exercia a função materna, fosse chamado de “papia” (p. 143). Defendem, assim, que “é preciso alterar o sistema de nomeação das estruturas familiares (de parentesco e de filiação) a fim de que se permita pensar a possibilidade de pais-mulheres e mães-homens, por exemplo” (Rodrigues *et al.*, 2017, p. 142).

Os conflitos oriundos deste novo cenário podem conduzir os casais aos consultórios em busca de ajuda psicológica, de respostas e orientações sobre como equilibrar as relações. Embora hoje a dissolução de um casamento ocorra de forma mais contundente, isso não denota que seja fácil e nem que seja a melhor solução para a totalidade das partes. Tem-se, então, que a psicoterapia de casal pode ser uma via para o trabalho com os vínculos conjugais, seja para a permanência do relacionamento, seja para sua dissolução, buscando, de uma forma ou de outra, uma vivência mais saudável para os familiares.

Quanto a o histórico da psicoterapia de casal, Féres-Carneiro e Diniz-Neto (2008) pontuam que seu início parte dos EUA do Século XX, argumentando que foi lá onde surgiu a maioria das escolas de psicoterapia de casal, privilegiando a dominância de uma ou outra teoria em determinados períodos, bem como os métodos utilizados. Inicialmente, as demandas pelo tratamento psicológico das relações conjugais eram acolhidas pelo que se denominava aconselhamento matrimonial. Suas funções eram exercidas por clérigos, médicos e educadores e o foco era “o esclarecimento das realidades biológicas da vida a dois, além de fornecerem admoestações e conselhos sobre a necessidade de seguir os papéis conjugais, conforme o esperado pela sociedade” (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008, p. 488). Os membros do casal eram atendidos separadamente.

Com a criação da *American Association of Marriage Counselors* e a fundação de centros de treinamento, foi possibilitado que esses profissionais tivessem uma melhor formação e preparo para exercer tal função e consequente reconhecimento oficial da profissão de conselheiro matrimonial, em 1963 (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008). Contudo, no final da década de 1970, o termo aconselhamento matrimonial já não era utilizado. Seu modelo de tratamento foi visto como inconsistente pela “ausência de princípios testados empiricamente” e pela falta de “uma teorização derivada dessa fundamentação” (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008, p. 488). Em quarenta anos, o aconselhamento matrimonial não desenvolveu abordagens

próprias, fazendo uso apenas de assimilações de outros campos, o que levou ao seu fim, enquanto profissão, em 1979 (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008).

Conforme Lisboa e Féres-Carneiro (2010),

A clínica de casal compreende uma investigação e um entendimento do processo psíquico que se estabelece entre duas pessoas, que demandam psicoterapia por apresentarem diferentes tipos de sintomas. Diferente da ideia antiga de aconselhamento e de uma análise individual, a terapia de casal permite pesquisar certas atividades psíquicas que são compartilhadas pelos cônjuges, favorecendo a transformação da conjugalidade e da subjetividade de cada um (p. 181).

A participação conjunta de ambos os cônjuges passou a se realizar, juntamente com os atendimentos individuais. Embora buscada, a psicanálise não pôde contribuir, nesse momento, por assentar-se sobre o viés do trabalho individual e a terapia sistêmica de família era ainda incipiente.

Após um período de retraimento, a psicanálise pôde passar a contribuir quando seus princípios e técnicas foram aplicados à situação de tratamento do casal, mesmo sob as críticas pontuadas pela terapia sistêmica de família que asseverava ser a psicanálise “excessivamente personalista e voltada ao intrapsíquico” (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008, p. 489). Psicanalistas e psiquiatras interessados em atender as demandas de dificuldades dos casais se debateram com a questão de “como tratar casais com uma técnica desenvolvida e voltada para o indivíduo?” (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008, p. 489). Tendo em vista a concepção de que a psicanálise fora criada para o trabalho individual e deveria se ater a ele, “os profissionais que se arriscavam a trabalhar com casais e famílias eram apontados como ‘hereges’” (Ramos, 2022, p. 58).

Enquanto isso, o casal era atendido de forma separada, pelo mesmo analista, ou a terapia do segundo cônjuge só iniciava ao término da terapia do outro cônjuge, ou ainda com analistas

diferentes. Até que Mittelman (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008) realizou a primeira sessão conjunta, prática que, nos anos 1970, passou a prevalecer. Tais iniciativas não cessaram de serem criticadas pela própria psicanálise mais ortodoxa e também pela abordagem da terapia de família, afetando os ânimos quanto ao investimento nessa modalidade. Apenas nos anos 1980, com as mudanças efetuadas na teoria e na metodologia, é que reacende o interesse na aplicação psicanalítica à clínica da conjugalidade. Uma teoria e uma técnica específicas para o atendimento de casais e famílias foram sendo desenvolvidas com o passar do tempo, nas instituições que formavam esses profissionais e igualmente, e mais importantes grupos independentes (Ramos, 2022).

A partir da apresentação da teoria do duplo vínculo (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008), a terapia de família pôde contribuir com avanços no sentido de pensar intervenções com a família como campo de tratamento, ao invés de com o indivíduo apenas. Féres-Carneiro e Diniz-Neto (2008) afirmam que historiadores da época descrevem o surgimento da terapia sistêmica de família como o resultado de “um amálgama das abordagens” que absorveu do campo da psicoterapia de casal, fazendo desaparecer a distinção entre elas.

Embora o foco se voltasse para a família como um todo, os teóricos pioneiros da terapia sistêmica de família tinham algum interesse nas questões conjugais, incluindo aspectos da relação marital no tratamento familiar. Do lado da terapia psicanalítica de casal, o que se dava era o dilema entre seguir com a teoria e técnica psicanalítica tradicional ou produzir conhecimentos e práticas visando para além do intrapsíquico, questões relacionais na conjugalidade.

Féres-Carneiro e Diniz-Neto (2008) nos informam a respeito de contribuições teóricas sobre tensões conjugais, contrato conjugal e modelos de atendimentos a casais em grupos e em sessões com a família de origem, bem como a publicação em 1986, do clássico *Clinical Handbook of Marital Therapy*, por Jacobson e Gurman. Tal publicação foi seguida pelo

aumento das pesquisas em psicopatologia sobre a conjugalidade, a avaliação de conceitos e teorias vigentes até então, além da criação de centros de pesquisa e treinamento de terapeutas de casais, fatos esses, que significaram avanços ocorridos entre meados da década de 1970 e início da década de 1980. Entre seus achados, destacam as críticas levantadas tanto pelo movimento feminista, que denunciava “pressupostos falocêntricos e patriarcais” do pensamento científico, quanto as críticas do pós-modernismo que questionou os fundamentos do conhecimento “envolvendo profundamente o pesquisador e o contexto da produção científica” (Féres-Carneiro & Diniz-Neto, 2008, p. 491). Tais críticas foram efetivadas em uma maior amplitude, por não puderam alcançar o campo da psicoterapia de casal, levando ao desenvolvimento de novas abordagens.

Olhando mais detidamente para o cenário latino-americano, o início desta prática clínica ocorreu a partir da atuação de psicanalistas brasileiros que, à época, foram em busca de conhecimentos em outros países e trouxeram em sua bagagem, teorias e práticas estudadas e já aplicadas em contexto estrangeiro. Fernandes (2022) elenca os grandes nomes que estiveram presentes na implantação da Psicanálise aplicada em grupos, em seus primórdios. A autora data as últimas cinco décadas como momento de grandes transformações no âmbito da prática da psicanálise, devido à necessidade do acolhimento a grupos diante do contexto de guerra e hospitalizações, quando “novas formas clínicas do sofrimento psíquico [...] exigiam novos dispositivos de tratamento e de conhecimento” (p. 18). O campo teórico precisou ser e foi fértil, pois o momento exigia “outra compreensão do sujeito psíquico e suas relações” (Fernandes, 2022, p. 22).

Foi diante destas demandas que os psicanalistas brasileiros se esmeraram em conhecer o que teorizaram W. Bion, S. H. Foulkes e R. D. Laing, além de D. Anzieu e P.-C. Racamier, debruçando-se sobre os escritos de suas experiências. Na Argentina, em Rio de la Plata, os nomes em destaque foram os de E. Pichon-Rivière, J. Bleger e os Baranger (Puget, 2015)

inicialmente, seguidos por Isidoro Berenstein e Janine Puget, responsáveis pela expansão da Psicanálise das Configurações Vinculares e o trabalho com casais e famílias.

René Kaës também é lembrado como explorador dos conceitos cunhados por Pichon-Rivière e responsável por revisar suas pesquisas sobre a constituição do vínculo, o que levou ao estudo dos fenômenos que ocorrem nos grupos e no grupo familiar (Fernandes, 2022; Kaës, 2011b). Desta forma, observou a existência de espaços psíquicos outros que não apenas o intrapsíquico e subjetivo, mas também o intersíquico ou intersubjetivo e o transpsíquico ou trans-subjetivo, produtos das interações entre os membros do grupo e das internalizações de seus conteúdos. Este autor também contribuiu com conceitos como aparelho psíquico grupal (Kaës, 2011a; 2011b; Fernandes, 2022) e alianças inconscientes (Kaës, 2014; 2011b).

Autores brasileiros influenciados pelos desdobramentos teóricos argentino e americano, trouxeram e divulgaram seus conhecimentos aqui no país, dando suporte para a criação de escolas de formação de terapeutas, além de que também se desenvolveram pesquisas brasileiras sobre esta clínica específica (Gomes & Levy, 2009). A expansão da psicanálise individual, aqui descrita como ponto de partida para a psicoterapia com casais e famílias, se justificou pela necessidade de se atender a demandas de transformações ocorridas ao passar do tempo, que apresentaram novas patologias ligadas ao convívio social, como uma possibilidade de intervenção terapêutica. “A noção de vínculo [...] adquire uma especificidade no tratamento psicanalítico das famílias e casais, pois define o indivíduo sempre ligado à noção de ‘pertencimento’ aos grupos dos quais provém: família, instituição, sociedade” (Gomes & Levy, 2009, p. 155). A psicoterapia de casal e de família, de orientação psicanalítica, abre espaço para os membros destes grupos pensarem e se comunicarem olhando-se, ouvindo e sendo ouvidos (Blay-Levisky, 2003).

À época, surgiram os primeiros centros universitários onde se desenvolviam pesquisas que destacavam a influência de fatores sócio-políticos na criação da terapia psicanalítica de

famílias e casais, além de efetuarem o atendimento psicoterápico das famílias e dos casais. Os estudos e práticas que se seguiram, observaram a presença de “neuroses interligadas” na relação conjugal, que justificavam o atendimento conjunto, bem como a comunicação entre os membros da família, a dinâmica das interações, além de investigarem as “fantasias compartilhadas”, “a trama inconsciente dos sentimentos, desejos, crenças e expectativas que unem os membros de uma família entre si, enfatizando os efeitos dos segredos e dos mitos familiares na dinâmica constitutiva de uma família” (Gomes & Levy, 2009 p. 154).

Todos esses avanços ocorreram não sem a presença de dificuldades. Neste sentido, em um trabalho de revisão de 55 artigos publicados na Revista Brasileira de Psicanálise, entre 1967 e 1976, Silveira *et al.* (2020) investigaram a ação das alianças inconscientes por trás da restrição à extensão do conhecimento psicanalítico em direção aos grupos. Tal fenômeno impossibilitou “o estudo da dimensão inconsciente do sujeito no vínculo” (p. 41). Os autores propuseram uma reconstrução histórica, desde os momentos da institucionalização do movimento psicanalítico brasileiro, que evidenciou algumas resistências que se apresentaram como empecilhos ao desenvolvimento do estudo do grupo como objeto teórico. Tecem uma crítica destacando a clivagem feita entre o *setting* analítico e o social; entre indivíduo e sociedade, como se o mundo externo fosse uma ameaça: “O espaço psíquico do grupo e dos vínculos como um negativo para a psicanálise cumpre a função de resistência, preservando e sustentando os vínculos alienantes e as estruturas de poder das sociedades psicanalíticas brasileiras” (Silveira *et al.*, 2020, p. 46).

O estudo constatou que a partir de 1970, as fronteiras da Psicanálise se fecharam em torno do estudo do intrapsíquico “acessado pelo divã, nos consultórios particulares”, o que promoveu o distanciamento daqueles que se dedicavam aos grupos “por não serem legitimados como verdadeiramente psicanalíticos” (Silveira *et al.*, 2020, p. 44). Ainda hoje é perceptível um resquício deste estado de coisas, ou seja, a dificuldade em se tomar o sujeito e sua

pluralidade e em meio às instituições sócio-grupais e familiares e, assim, obstaculizando a extensão da psicanálise.

Em uma demonstração de compreensão deste período inicial do desenvolvimento da Psicanálise, Kaës (2011a) reconhece que “Não se pode conhecer tudo ao mesmo tempo”, e por isso, talvez, fora preciso “isolar o espaço da realidade psíquica interna de seu ‘ambiente’ social e intersubjetivo ... de determinantes extrapsíquicos”, como um “artifício rigoroso do método psicanalítico” (p. 156), para que se produzisse um conhecimento sobre o inconsciente individual. Embora este autor nos lembre de que Freud não escreveu, explicitamente, sobre a intersubjetividade, encontra na segunda tópica, especificamente na teoria do Eu, do Supereu e das Identificações, uma nuance dos futuros desenvolvimentos, uma vez que se lê a interferência da realidade intrapsíquica nas formações e processos da realidade psíquica de outros sujeitos, sendo “o caso quando Freud levanta a hipótese de uma ‘psique grupal’” (Kaës 2011a, p. 156).

3 PSICOTERAPIA DE CASAL NO SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Os serviços-escola de Psicologia são espaços que podem oferecer um amplo leque de intervenções terapêuticas (Gouveia & Sei, 2022), usualmente realizadas por estagiários, estudantes do curso de Psicologia e que são devidamente orientados e acompanhados por supervisores que contribuem para a formação deste futuro profissional (Zuanazzi & Sei, 2014; Sei *et al.*, 2019). Uma das modalidades interventivas se configura como a psicoterapia de casal e família, que é disponibilizada na Clínica Psicológica da UEL por meio do projeto de extensão intitulado “Clínica Psicanalítica de Casal e Família na Clínica Psicológica da UEL” (Sei *et al.*, 2019). Tal projeto está vinculado ao Departamento de Psicologia e Psicanálise, sendo constantemente revisto, atualizado e reofertado desde 2012 (Sei & Zanetti, 2017; Sei, 2017).

O referido projeto conta com discentes de graduação e pós-graduação, além de colaboradores externos, que podem conduzir a psicoterapia de casais e famílias. Os atendimentos têm frequência semanal, contam com uma hora de duração e são destinados ao público que busca espontaneamente a psicoterapia, mas também àqueles que são encaminhados por serviços internos à instituição, como por exemplo, a avaliação psicológica, além de encaminhamentos feitos pelo Hospital das Clínicas, por serviços como o CAPS e CREAS ou por meio de solicitação judicial (Sei, 2017; Sei *et al.*, 2019).

Os colaboradores são preparados para tal atividade por meio de cursos de extensão, leitura e discussão de textos concernentes aos temas advindos dos casos em atendimento, além de se priorizar as supervisões grupais, alinhando teoria e prática (Gouveia & Sei, 2023). Os terapeutas são, então, amparados e orientados por meio da supervisão de cada caso atendido na clínica, considerando a complexidade característica dos atendimentos realizados com grupos como o de casal e/ou de família (Sei & Zanetti, 2017; Sei, 2017; Almeida *et al.*, 2016; Gouveia

& Sei, 2023; Brasil *et al.*, 2025). A presente iniciativa representa uma forma de contribuição com a atenção e saúde mental da população, assim como possibilita que o estudante de Psicologia se insira de maneira mais profunda na prática, ampliando suas capacidades em um tipo de intervenção clínica que demanda mais, se comparada à psicoterapia individual. O projeto de extensão se apresenta como um espaço que contempla a oportunidade da prática do atendimento clínico, entendendo-a como uma vivência que prepara o discente para a atuação profissional futura (Almeida *et al.*, 2016). Conforme Magalhães (2017), esses espaços se configuram como “centros de formação por excelência” (p. 05), cuja missão é a formação de psicoterapeutas, mas também têm a função de inserção social.

Entende-se que a abordagem deste tema nas universidades ainda não atingiu o alcance desejado, bem como uma prática que envolva e seja público mostra uma presença ainda incipiente nas grades curriculares dos cursos de graduação em Psicologia, uma vez que a oferta da psicoterapia psicanalítica de casal e família na formação do psicólogo ainda é pequena (Sei, 2017; Gouveia & Sei, 2023). Destarte, uma via de ampliar a oferta desta vivência e aprendizado aos futuros psicólogos dá-se por meio justamente dos projetos de ensino, pesquisa e extensão, como realizado na UEL (Sei & Zanetti, 2017; Gouveia & Sei, 2023; Sei *et al.*, 2019). Compreende-se que a presença desta prática no contexto da formação destes profissionais, para além de atendimentos aos pacientes e seus desafios, oferece ao estudante a oportunidade de uma experiência mais complexa na interação com grupos, aprimorando seus conhecimentos e sua atuação (Sei & Zanetti, 2017).

Os atendimentos realizados na Clínica Psicológica da UEL são provenientes de encaminhamentos da atenção primária à saúde, efetuando um tipo de serviço inovador que contribui para a rede de saúde do município, promovendo intervenções sociais. As atividades realizadas pelo projeto de extensão o caracterizam como um espaço de formação, mas,

sobretudo, um espaço de prestação de serviços à comunidade, promovendo saúde mental à população (Gouveia & Sei, 2022).

Ao buscarem saber sobre a visão de alguns dos discentes participantes do projeto, Almeida *et al.* (2016) puderam, em uma pesquisa, ouvir as considerações destes sobre o papel desempenhado pelo projeto e suas formações como psicólogos clínicos. Os relatos destacaram a escassez de experiência prática presente no currículo obrigatório que dificultava a construção e desenvolvimento de uma identidade profissional e que era suprida pela oferta dessa experiência no projeto de extensão. As entrevistadas colocaram em relevo o quanto a participação nos atendimentos a casais e famílias, no serviço-escola, contribuiu para a associação entre teoria e prática, bem como lhes proporcionou mais segurança nas intervenções e compreensão de cada caso atendido. Elas se referiram às atividades de preparação para tal e, sobretudo, ao aprendizado nas supervisões em grupo. Destaca-se a vantagem de o estagiário se vincular e espontaneamente aos projetos e não o de forma obrigatória como ocorre com as atividades presentes na grade curricular, o que pode contribuir com sua dedicação ao trabalho e ao aprendizado.

Uma investigação semelhante a esta, em preendida entre os estudantes que atuavam como psicoterapeutas de casal no projeto de extensão foi realizada posteriormente (Gouveia & Sei, 2023), sendo reafirmada, pelos discentes entrevistados, a importância da experiência proporcionada pelo atendimento aos casais, como uma atividade prática não contemplada nas grades curriculares. Os participantes da pesquisa de Gouveia e Sei (2023) relataram suas vivências em situação real com os pacientes, discorreram sobre os ganhos alcançados a partir das supervisões, destacaram a importância da análise pessoal do psicoterapeuta em formação, bem como seus progressos mediante o estudo teórico associado à prática.

Ressalta-se que, no período compreendido entre 2020 e 2022, os atendimentos a casais e famílias ofertados na Clínica Psicológica da UEL sofreram as influências do isolamento social

decorrente da pandemia da COVID-19 (Brasil *et al.*, 2025). As atividades presenciais foram interrompidas dando lugar aos atendimentos *on-line*, via *Google Meet* dentre outras adaptações que se fizeram necessárias àquele contexto, evitando a proliferação da contaminação do vírus. Nessas condições, coube aos casais proverem um ambiente propício aos atendimentos, buscando sua privacidade, o que até então era uma preocupação do serviço e seus terapeutas. Além disso, os pacientes precisavam possuir conexão com internet e um dispositivo eletrônico para a realização dos encontros (Gouveia & Sei, 2022; Gouveia & Sei, 2023).

A utilização de recursos artístico-expressivos, tão necessária na mediação e facilitação de acesso a conteúdos inconscientes (Sei, 2011; Brasil *et al.*, 2025), ficou prejudicada pelas características de um atendimento à distância. Apesar de tais limitações, os discentes do projeto de extensão puderam expandir suas habilidades, a partir de um formato de atendimento desafiador, o que pode contribuir com suas potencialidades futuras, sendo capacitados para a atuação na modalidade *on-line*. A comunidade atendida também se beneficiou da não suspensão dos atendimentos, além de não precisarem se deslocar para estarem presentes nas sessões. Em 2022, os serviços voltaram a ser oferecidos presencialmente em sua totalidade (Gouveia & Sei, 2022), ressaltando-se a opção pela não realização da psicoterapia com famílias de forma *on-line* no período em questão. Por meio da presencialidade, os recursos artístico-expressivos puderam ser aplicados de forma mais intensa, já que seu uso, nos atendimentos *on-line*, ocorria de forma mais esporádica, dependendo-se dos próprios casais para que eles disponibilizassem materiais gráficos para a realização das propostas. Por meio dos recursos artístico-expressivos, pode-se alcançar uma compreensão mais aprofundada da dinâmica psíquica que envolve a relação entre os membros de um grupo, seja ele casal ou família (Sei, 2011).

Em trabalho muito recente, Brasil *et al.* (2025) realizaram uma investigação que nos proporcionou um a visão ampla da atuação de este projeto de extensão, oferecendo dados recolhidos entre os anos de 2020 e 2025. Tal panorama evidencia os alcances e os desafios da

prática clínica com casais e famílias, destacando o número de casos inscritos, quantos destes puderam ser atendidos, as diferentes idades dos participantes, bem como o número de desistências que reflete a complexidade de um modo de atendimento que acolhe mais do que apenas o indivíduo. Essa pesquisa constatou que o maior número de pessoas atendidas centra-se em jovens e adultos, sendo que a classe de idosos se expressou em pequeno número (Brasil *et al.*, 2025).

Quanto às desistências, que podem ser entendidas pela perspectiva psicanalítica como resistência, essas foram listadas na documentação referente aos atendimentos como devidas a fatores como a falta de disponibilidade de horários, a perda de interesse, a ocorrência de busca pela psicoterapia por apenas um dos parceiros, sem a anuência do outro e, sobretudo, pelas dificuldades encontradas na necessidade de elaboração de questões que, até então eram inconscientes e, por vezes, mantinham as relações em vigência, atuando em um contrato inconsciente. Desta forma, “ao serem confrontados com o fato de que a psicoterapia de casal/família deve implicar todos os participantes, muitos pacientes desistem do tratamento” (Brasil *et al.*, 2025, p. 7-8).

Acresce-se a tais peculiaridades e desafios enfrentados, o fato da ocorrência da pandemia presente no intervalo compreendido entre os anos pesquisados, em que foi suspenso o atendimento de famílias. Entretanto, o amplo alcance do projeto se expressa na quantidade de inscritos, bem como no número de casais atendidos, o que configura sua potência em acolher a comunidade e ao mesmo tempo oferecer aprendizado prático aos psicólogos em formação.

Tendo em vista o fato desta modalidade interventiva diferenciar-se das práticas clínicas mais consagradas, acredita-se que a investigação junto aos pacientes que já participaram dos atendimentos, a partir de uma pesquisa, visa alcançar o conhecimento sobre a psicoterapia de casal e família realizada na Clínica Psicológica da UEL. Por meio deste entendimento, pode-se aprimorar a prática ali desenvolvida, bem como levantar críticas a respeito do serviço ofertado,

levando ao seu refinamento. Pesquisas dessa natureza buscam averiguar a qualidade dos serviços prestados e conformá-los às necessidades da população para melhor acolhê-la.

4 AVALIAÇÃO DE SERVIÇOS E ESTUDOS DE SEGUIMENTO

A avaliação do atendimento psicológico por estado pode se configurar como uma atividade relevante para os serviços. Por meio dela, pode-se compreender melhor os impasses, potenciais e desdobramentos, favorecendo a qualificação da prática realizada. Os estudos podem se organizar de múltiplas maneiras a partir de objetivos variados, incluindo desde a eficácia e efetividade, estudos de seguimento, até investigações que visam apreender a visão do ex-paciente sobre o atendimento e o serviço de forma mais ampla.

Ramos (2019), ao discutir a avaliação de técnicas psicoterapêuticas, aponta para a exigência quanto à validação de tais técnicas, especialmente quando o tratamento é pago pelo sistema público de saúde. Assinala, por outro lado, para a complexidade de tal tarefa, pois variáveis como o contexto teórico e questões transferenciais podem acarretar dificuldades na comparação de técnicas psicoterapêuticas. Sinaliza, igualmente, as diferenças entre os termos eficácia e efetividade, sinalizando que a primeira está vinculada “à testagem de um tratamento em situação experimental ou laboratorial controlada, sob condições ideais” (p. 48), enquanto a segunda busca compreender “o efeito de um tratamento no mundo real, com pouco ou nenhum controle de variáveis, além daquelas do próprio tratamento” (p. 48).

No que se refere às pesquisas de seguimento, pode-se discorrer sobre o estudo de Rios e Gomes (2011) no campo da psicoterapia de casal. Tais autoras argumentam que tal tipo de investigação possibilita verificar a efetividade das intervenções e a manutenção das mudanças ocorridas. Pesquisas internacionais deste tipo e que avaliavam a eficácia, a efetividade e o processo, são feitas há poucas décadas, sendo escassas no Brasil. Os estudos iniciais de seguimento focaram na efetividade de treinamentos para resolução de conflitos entre os cônjuges, comparando as estratégias utilizadas por casais em terapia com aqueles que ainda não tinham realizado essa modalidade de acompanhamento psicológico, concluindo que os

primeiros tiveram maior capacidade de resolver os conflitos do que os casais do segundo grupo (Costa *et al.*, 2017).

Em revisão da literatura, Rios e Gomes (2011) indicaram que, entre 131 artigos e capítulos de livros europeus e estadunidenses encontrados em uma busca nas bases de dados internacionais, a partir de 2000, 48 deles investigavam as formas de psicoterapias e a duração de seus efeitos. Destes, apenas um era latino-americano, a saber, chileno. Além disso, tais autoras apontam para o fato de não terem sido encontrados trabalhos que tratassem da psicoterapia de casal e família amparada no referencial psicanalítico (Rios & Gomes, 2011). As autoras realizaram, então, um *follow up* com dois casais que es tiveram em psicoterapia psicanalítica de casal em um serviço-escola de psicologia, tendo realizado duas entrevistas com cada casal, sendo a primeira após sete meses e a segunda 16 e 19 meses após o término da psicoterapia. Os casais traziam queixas concernentes aos filhos e, por meio do estudo de seguimento, percebeu-se que a psicoterapia foi efetiva na promoção de um ambiente saudável, mantendo-se a comunicação íntima e as mudanças psíquicas advindas do processo psicoterapêutico (Rios & Gomes, 2011).

No que se refere à Clínica Psicológica da UEL, foram compreendidas algumas investigações sobre variadas modalidades terapêuticas ofertadas pelo serviço. Considerando este como um serviço-escola de psicologia, no qual os terapeutas, plantonistas e coordenadores de grupo usualmente são estudantes ainda em formação, acredita-se ser mais difícil utilizar os conceitos de eficácia e efetividade das intervenções ali realizadas. Pode-se elencar os estudos de Pelisson e Sei (2023) e Silva e Sei (2019) que acessaram participantes de grupos fechados e/ou seus responsáveis, no caso do grupo infantil, antes do início e após o término da intervenção. Os demais estudos mapeados visaram compreender a visão dos participantes, avaliando-se o atendimento, seus possíveis alcances e limites, sem maior controle de variáveis,

haja vista os diferentes terapeutas no caso do plantão psicológico, e coordenadores, no caso dos grupos.

Assim, Pelisson e Sei (2023) investigaram o uso de recursos artístico-expressivos em intervenção terapêutica grupal com crianças, tendo-se realizado entrevistas com os responsáveis antes do início e após o término da intervenção, que contou com oito encontros semanais. Os recursos artístico-expressivos favoreceram a comunicação e expressão das crianças, com o grupo tendo contribuído para a qualidade das relações familiares e interpessoais. Silva e Sei (2019), de forma semelhante, fizeram uso da Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO-R) pré e pós-intervenção grupal de seis encontros, realizada com mulheres com quadro depressivo, visando avaliar o efeito do grupo proposto. Apesar da brevidade da intervenção e de dificuldades oriundas de greve ocorrida na universidade, percebeu-se que o grupo impactou o funcionamento das participantes, motivando a busca de ajuda e continuidade do tratamento psicoterápico.

A perspectiva de usuários de serviços psicológicos como grupos e plantão psicológico foi alvo de algumas pesquisas. Ortolan e Sei (2019) discorreram sobre uma pesquisa que buscou conhecer a visão de pessoas atendidas pelo plantão psicológico a cerca do atendimento oferecido. Por meio das entrevistas realizadas, fez-se uma avaliação do serviço, tendo-se notado uma satisfação do público em relação ao acolhimento, rapidez e bem-estar promovidos, indicando a escassez de horários como um ponto negativo. A visão dos usuários de um grupo aberto acerca da intervenção em questão foi foco do estudo de Aquino e Sei (2020), almejando o aprimoramento do serviço realizado. Por meio de entrevistas com os participantes, observou-se que o grupo promoveu a saúde mental de seus integrantes, a aprendizagem interpessoal e técnicas de socialização, catarse, acesso à informação, entre outros ganhos. De forma similar, Silva, Sei e Ortolan (2019) almejaram compreender a perspectiva de crianças e seus responsáveis sobre um grupo aberto infantil, ponderando limites e alcances da intervenção.

Crianças e responsáveis indicaram uma satisfação com o serviço oferecido, reconhecendo-o como um espaço de acolhimento, que gerou mudanças em seus participantes, com timidez e introversão podendo ser ressignificados e a saída do grupo estando atrelada a fatores externos, como contraturno escolar e atividades esportivas.

Como pode-se observar, as investigações realizadas no contexto da Clínica Psicológica da UEL centraram-se em intervenções clínicas diferentes da já consolidada psicoterapia individual. Sabe-se que usualmente há filas de espera para tal modalidade interventiva, cabendo a exploração acerca do potencial, investigando limites e alcances de outros tipos de atendimento, como plantão psicológico, grupos abertos e fechados e, por fim, a psicoterapia de casal e família. Com isso, visando suprir uma lacuna, almejou-se, por meio desta pesquisa, focalizar a psicoterapia de casal, de maneira a se compreender o olhar que ex-pacientes do serviço têm acerca da prática realizada, não se constituindo como um estudo concernente à eficácia ou efetividade desta modalidade interventiva, mas sim da visão dos participantes sobre a prática empreendida.

5 OBJETIVOS

5.1. OBJETIVOS GERAIS

Objetivou-se, por meio desta pesquisa, investigar a visão de ex-pacientes acerca da psicoterapia de casal realizada na Clínica Psicológica da UEL.

5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os processos e fenômenos envolvidos no atendimento prestado.
- Compreender os impasses, limites e alcances da psicoterapia de casal na perspectiva dos ex-pacientes.

6. METODOLOGIA

Metodologia clínico-qualitativa: “Ela se funda sobre três pilares: na milenar atitude clínica de voltar o olhar a quem porta dor, na secular atitude psicanalítica de inclinar a escuta a quem vivencia conflitos emocionais e na clássica atitude existencialista de reflexão sobre as angústias humanas” (Campos & Turato, 2009, p. 260).

Neste estudo seguimos uma proposta de pesquisa qualitativa, considerando que a prioridade de tal método é compreender a vida mental, sendo que esse aspecto reaparece em todas as discussões sobre a natureza da pesquisa qualitativa. Tal compreensão nos leva a estudar as relações complexas que se dão entre os seres sociais em suas convivências; aqui, trabalha-se “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 2007, p. 21), “segundo um reconhecimento de que esta compreensão exige a consideração dos contextos vitais, sociais, e econômicos, históricos e culturais” (Aiello-Fernandes *et al.*, 2012, p. 308).

De acordo com Silveira e Córdoba (2009), a pesquisa qualitativa interessa-se por uma investigação aprofundada para se compreender um grupo social, uma organização, não se preocupando com a expressão numérica dos resultados. Nessa metodologia, busca-se encontrar “o porquê das coisas... e se valem de diferentes abordagens” (p. 32).

Os acontecimentos e conhecimentos cotidianos tornam-se elementos de interpretação, elevando a contextualidade ao nível de fio condutor da pesquisa, implicando, inclusive, na reflexão sobre a participação do pesquisador e sua interação com o objeto/fenômeno estudado. Sobre a participação do pesquisador, Turato (2000) nos diz que ele acolhe “as angústias e ansiedades da pessoa em estudo”, uma vez que está lidando com “fenômenos com estruturação complexa, por serem de foro íntimo ou de verbalização emocionalmente difícil” (p. 96).

Esta metodologia possibilita que os dados levantados possam ser interpretados de forma qualitativa, pois o que se busca é entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas. Assim,

Que fique claro que o investigador qualitativista quando vai a campo estudar “as coisas”, não é a elas em si que ele vai se ater, pois o termo genérico “coisas” neste caso é um sinônimo metodológico de objeto de estudo, que, em se tratando de pesquisa qualitativa, são as pessoas ou as comunidades em sua fala e em seu comportamento (as “coisas” que acontecem...). E mais: é sempre no *setting* natural que ocorre o estudo, e nunca em um ambiente reprodutor de situações (laboratórios, gabinetes etc.) (Turato, 2013, p. 191).

6.1. ESTRATÉGIA DE PESQUISA

Freud (1922/2006) abre seus “Dois Verbetes de Enciclopédia” com a primeira assertiva, de um total de três, que definem a Psicanálise. Assim, temos que a “Psicanálise é o nome de um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase necessários por qualquer outro modo...” (p. 253). Dito de outra forma, e em momento anterior, (Freud, 1912/2006, p. 128), o fundador da psicanálise registra que “Uma das reivindicações da psicanálise em seu favor é indubitavelmente, o fato de que, em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem; [...]”, consistindo em um “método de investigação sobre processos concretos e encarnados de produção de sentidos emocionais” (Aiello-Fernandes *et al.*, 2012, p. 311).

Fizemos uso deste argumento para esclarecer a escolha por tal método em nossa pesquisa. Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, e relembrando seus pressupostos já descritos neste trabalho, tais como a busca por uma compreensão da vida mental, o estudo de relações complexas em seu ambiente natural, o trato com o universo de significados, crenças e valores e a consideração da interação do pesquisador com o objeto (Gunther, 2006; Minayo,

1994/2002), buscamos, nas palavras de Zanetti (2013), ratificar a importância da escolha de uma estratégia psicanalítica, como caminho a ser seguido:

Assim, é na sua capacidade de doar sentidos e propiciar um método de investigação que se propõe além do nível da razão, que se pode imaginar na psicanálise um solo fértil para o campo da pesquisa qualitativa de fenômenos socioculturais, de um modo geral (p. 25).

A autora ainda destaca a característica presente no método psicanalítico, de ser possível construirmos narrativas a partir da interpretação “de um modo bastante singular e profundo” (Zanetti, 2013, p. 25) para se compreender as subjetividades. Em sintonia com esse pensamento, Turato (2013) destaca o que para ele consiste na maior contribuição da psicanálise, à compreensão do homem enquanto objeto de estudo, quando o toma em sua “verdade humana”, se desprendendo de um pensamento racional e permitindo

[...] (o enxergar no avesso). Trata-se, na psicanálise, de uma inestimável disciplina, definida dentre outras possibilidades, como um método de investigação cujo alvo maior é evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias de um sujeito, como seus sonhos e fantasias (p. 217).

Mais adiante em seu Tratado, quando o autor supracitado confecciona um quadro das grandes bases da história do pensamento humano e seus modos de interlocução com as ciências humanas e com os métodos de pesquisa qualitativa, posiciona a psicanálise como sendo uma dessas bases e a coloca em interlocução com o método qualitativo. Argumenta que “Sentimentos, pensamentos, palavras e ações do indivíduo sofrem determinação de forças de instância interna a si (o inconsciente); permite-nos interpretar seus significados na história do homem, numa perspectiva psicológica pessoal” (Turato, 2013, p. 220). Também nos apoiamos na defesa feita por Aiello-Fernandes *et al.* (2012, p. 312) quando destacam a função da psicanálise enquanto método de pesquisa, uma vez que ela “viabiliza a única articulação

verdadeiramente fecunda com a pesquisa universitária, na medida em que esta última se define pelo cultivo de liberdade para rejeitar antigas ideias quando novos conhecimentos colocarem-nas em xeque”.

6.2. PARTICIPANTES

Deslauriers e Kérisit (2008), dissertando sobre a amostra numa pesquisa qualitativa, asseveram que “Essa amostra não se constitui ao acaso, mas sim em função de características precisas, que o pesquisador pretende analisar” (p. 138). Nesse sentido, participaram da presente pesquisa pessoas que foram atendidas em psicoterapia psicanalítica de casal por, no mínimo, oito sessões e cujo acompanhamento psicológico tenha sido encerrado há, pelo menos, seis meses, na Clínica Psicológica da UEL.

Para a composição da amostra, foi acessado o banco de dados do projeto de extensão “Clínica Psicanalítica de Casal e Família na Clínica Psicológica da UEL”. Os documentos auxiliaram na seleção de ex-pacientes que se encaixavam na pesquisa respeitando os critérios de inclusão. Fez-se um contato convidando-os para participação no estudo e, após aceite, fez-se o agendamento das entrevistas que foram realizadas *on-line*, a partir da ferramenta *Google Meet*.

Participaram da pesquisa sete pessoas, pertencentes a cinco diferentes casais. Ou seja, pôde-se entrevistar – individualmente – ambos os cônjuges de dois diferentes casais e três ex-pacientes, cujos companheiros à época da psicoterapia de casal não se motivaram a participar do estudo. Na Tabela 1 estão indicados os nomes fictícios, idade, profissão, cônjuge, tempo de relacionamento dos participantes da pesquisa, desfecho do relacionamento após a psicoterapia, bem como o número de sessões realizadas.

Tabela 1.

Participantes da pesquisa.

Participante	Idade	Profissão	Cônjuge	Tempo de relacionamento	Desfecho do relacionamento	Número de sessões realizadas
João	46 anos	Comerciário	Janice	24 anos	Divórcio	32
Janice	45 anos	Técnica na área da saúde	João	24 anos	Divórcio	32
Mário	21 anos	Universitário	Mariana	3 anos	Manutenção do relacionamento	08
Mariana	22 anos	Universitário	Mário	3 anos	Manutenção do relacionamento	08
Jussara	38 anos	Profissional da saúde	Jefferson	13 anos	Manutenção do relacionamento	28
Cândida	43 anos	Contadora	Pablo	Sem informação	Divórcio	08
Patrícia	21 anos	Universitária	Ana Maria	4 anos e meio	Dissolução do relacionamento	12

Fonte: a pesquisadora

6.3. INSTRUMENTOS

A escolha das entrevistas como instrumento de coleta respeitou alguns critérios tradicionais na história da pesquisa qualitativa (Deslauriers & Kérisit, 2008), que priorizam a sua validade e sua eficácia em trazer as informações necessárias, além de também serem

considerados os aspectos de custo, tempo de aplicação, bem como a acessibilidade dos participantes.

Embora esteja presente a possibilidade de certa abertura representada por perguntas amplas, que podem se adaptar a cada caso em específico e pela visão de aspectos essenciais do objeto de pesquisa, a utilização de entrevistas segue um rigor quanto ao controle do procedimento utilizado, que deve ser explicitado e documentado. Para tanto, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para subsidiar a análise dos dados. A observação participante e a entrevista são consideradas por Deslauriers e Kérisit (2008) como técnicas básicas que podem ser complementadas com o uso de questionários, fotografias, documentos, entre outros. Conforme Gerhardt *et al.* (2009), a entrevista

constitui uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista pode ter caráter exploratório ou ser uma coleta de informações. A de caráter exploratório é relativamente estruturada; já a de coleta de informações é altamente estruturada (p. 72).

Tida em sua conceituação como um “Encontro interpessoal estabelecido para obtenção de informações verbais ou escritas, sendo instrumento para conhecimento, para assistência ou pesquisa”, Turato (2013, p. 309) defende tanto a entrevista feita em profundidade, quanto a observação ampla, como sendo as mais indicadas para a coleta de material em uma pesquisa qualitativa, dando ênfase aos dados subjetivos, além dos objetivos, conquistados nesta técnica de coleta, tais como aqueles “que se referem à pessoa do entrevistado, como opiniões, valores e atitudes, [...]” (p. 306). E mais adiante ele complementa: “A dinâmica da entrevista na pesquisa clínico-qualitativa utiliza, inequivocamente, conceitos psicanalíticos básicos, tais

como estabelecimento do setting, valorização da transferência e da contratransferência, bem como a permissão da livre associação de ideias” (Turato, 2013, p. 309).

Características de um não estruturamento compuseram nossa entrevista com questões abertas, para que pudesse ser apenas parcialmente guiada, ora pelo entrevistador, ora pelo entrevistado e permitindo que o participante colocasse livremente o conteúdo de suas respostas. Para tal, utilizamos um roteiro auxiliar semidirigido, pois, para Turato (2013), “[...] ambos os integrantes da relação têm momentos para dar alguma direção, representando ganho para reunir os dados segundo os objetivos propostos” (p. 313).

6.4. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados oriundos das entrevistas foram tratados e interpretados, tendo passado por “leituras acuradas e discussões interpretativas criativas” (Campos & Turato, 2009, p. 260) a partir da técnica de análise de conteúdo temática. Compreende-se esta como uma importante ferramenta metodológica, uma vez que ela “consiste em encontrar um sentido para os dados coletados e em demonstrar como eles respondem ao problema de pesquisa que o pesquisador formulou progressivamente” (Deslauriers & Kérisit 2008, p. 140). “Esta técnica, ou melhor, estas técnicas implicam um trabalho exaustivo com suas divisões, cálculos e aperfeiçoamentos incessantes do *métier*” (Bardin, 2016, p. 33).

Tendo em Laswell um de seus precursores, em 1915, foi com Bardin que a técnica da análise de conteúdo tomou força e foi melhor compreendida e utilizada, sendo a objetividade uma de suas características e o rigor metodológico uma de suas exigências (Silva & Fossá, 2015). Desde seus primórdios, a técnica evoluiu de um caráter mais positivista, por seu “rigor matemático”, para a instrumentalização e diretrizes que levariam ao cancelamento de dados referentes à “percepção dos conteúdos latentes e intuição não passíveis de quantificação” (Campos, 2004, p. 612). Por essa razão e, sobretudo por possibilitar que os dados recolhidos

sejam tratados na direção de uma busca pelos sentidos (Campos, 2004), contidos nas narrativas, foi que elegemos a análise de conteúdo temática como ferramenta a ser utilizada na presente pesquisa.

Por ser composta de procedimentos sistemáticos, a análise de conteúdo possibilita o “levantamento de indicadores permitindo a realização de inferência de conhecimento” [...] “ultrapassar as incertezas” [...] “compreensão das significações” [...] e “desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas” (Cavalcante *et al.*, 2014, p. 14). Tanto rigor se estabelece na tentativa de se fugir às rápidas interpretações, uma vez que os fatos sociais não se constituem transparentes. Ao pesquisador cabe se fazer distante ou lento, “desconfiado”; construir ao invés de intuir, não correndo o risco de projetar sua própria subjetividade (Bardin, 2016, p. 34). Esta autora nos indica o emprego das “técnicas de ruptura” e, igualmente, um estado de “vigilância crítica” (Bardin, 2016, p. 34), para que não fiquemos reféns de um suposto saber *prévio* sobre o objeto e m a análise. Indica também que devemos levantar hipóteses provisórias e escapar de leituras definitivas, fugindo das primeiras impressões.

Da importância desta fase da pesquisa, Deslauriers e Kérisit (2008) destacam que os dados encontrados em uma pesquisa qualitativa são dados de vivências, são as representações, as descrições das situações, os sentidos e sentimentos. E, embora “escapem à padronização”, há que serem estudados, analisados, pois “descrevem uma grande parte da vida social...” (p. 147).

Para tal alcance, os procedimentos escolhidos nesta técnica precisam estar intimamente ligados com a pergunta-problema de pesquisa, pois “[...] se complementam ‘pergunta’ e método de análise com o intuito de respostas ou aproximações fidedignas” (Cavalcante *et al.*, 2014, p. 15). Seguindo as fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação, a análise de conteúdo se organiza sistematicamente. No momento de pré-análise, os documentos a serem analisados são escolhidos e organizados; hipóteses são

levantadas e o objetivo formulado, bem como se indicam aspectos que fundamentam a interpretação final, partindo de uma leitura flutuante.

Na segunda fase, o pesquisador se expõe à exploração do material dividindo-o em categorias temáticas, conforme os significados sejam semelhantes e já pode, então, aplicar as decisões tomadas na fase de pré-análise. Na fase final, em que os resultados são tratados e devem ser “significativos e válidos” (Bardin, 2016, p. 131), é quando as interpretações podem ser formuladas, decorrentes das inferências construídas a partir dos dados. A significatividade e a fidelidade dos resultados oferecem, então, ao investigador, a possibilidade de fazer inferências que levarão às interpretações (Bardin, 2016). Gomes (1994) observa que a aplicabilidade da análise de conteúdo proporciona tanto a possibilidade de se verificar uma hipótese ou questão, quanto a “descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (p. 74).

Campos e Turato (2009, p. 260) nos orientam quanto às “leituras flutuantes para impregnar-se do conteúdo. [...] como um modo de escuta”, como uma das etapas do tratamento dos dados. Esses autores põem em relevo a existência de conteúdos “mudos”, nas falas dos entrevistados, ao lado de conteúdos manifestos, deixando em aberto a possibilidade de questionamentos sobre aquilo que o entrevistado realmente quis dizer. “Adentra-se pelo inicialmente enigmático nível do simbolismo, pertencente ao universo dos conteúdos latentes (implícitos)” (p. 261). Para que estes dados mudos ganhem voz, o pesquisador terá que praticar a atividade interpretativa alicerçada num “corpo teórico de referências já sedimentadas na literatura”, bem como fazer inferências conferindo relevância teórica e “vinculando o conjunto das falas a alguma forma de teoria a ser estabelecida” (Campos & Turato, 2009, p. 261), com o necessário cuidado de partir desde a perspectiva dos indivíduos entrevistados e não de uma perspectiva sua, do pesquisador.

O rigor e a validade dos resultados da análise desses dados também dependem de uma sutileza e sintonia do pesquisador, desde a coleta, na qual já se apresentam os momentos de captura da subjetividade dos entrevistados, nestes conteúdos não manifestos. Tais fenômenos devem ser anotados em um diário de campo. O processo de categorização como forma de apresentação desses resultados e discussão, bem como a aplicação de raciocínios indutivos e dedutíveis a eles, são passos necessários desse processo analítico dos conteúdos obtidos nas entrevistas, o que deverá, necessariamente, culminar na validação desses achados (Campos & Turato, 2009). Neste sentido, destaca-se que a categorização do material advindo das entrevistas foi empreendida por dois pesquisadores independentes, sendo que nossa pretensão foi que, ao trilhar, com rigor metodológico, este caminho processual e científico, os significados apresentados nas falas dos casais entrevistados ganhassem sentido e interpretação e que pudessem fomentar novos entendimentos a respeito do tema pesquisado.

6.5. ASPECTOS ÉTICOS

Trata-se de um recorte de um estudo maior, intitulado “A psicoterapia de casal e família na Clínica Psicológica da UEL: a visão dos pacientes” e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina, CAAE 74920823.1.0 000.5231 e parecer número 6.504.494. Todos os participantes que participaram da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tomando conhecimento de seus direitos ao participarem da pesquisa, tais como, a não divulgação de suas identidades; a possibilidade de desistirem a qualquer momento, sem nenhum prejuízo; a ausência de qualquer custo/gasto financeiro, bem como a oferta de acolhimento e amparo emocional, caso, em algum momento, tais ações se tornassem necessárias.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista os objetivos do presente estudo, foram delineadas as seguintes categorias temáticas a partir dos dados advindos das entrevistas: 1) Vivências e percepções dos ex-pacientes referentes à psicoterapia; 2) A atuação profissional: intervenções e aliança terapêutica; 3) A psicoterapia no serviço-escola e os atravessamentos institucionais.

7.1. AS VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES DOS EX-PACIENTES REFERENTES À PSICOTERAPIA

Ávila (2021) observa que quando um casal busca terapia, “Ambos chegam feridos. É como se fosse tratar de pessoas que sofreram queimaduras – até o algodão dói” (p. 62). Sendo assim, terão que aprender a se curarem, a curar “feridas que a própria relação deles lhes causou” (p. 63). O par conjugal precisará enxergar os mal-entendidos ocorridos, as falhas na interação, os desencontros, as frustrações e as desidealizações.

O fragmento a seguir explicita a percepção da entrevistada Jussara quanto à importância de se buscar ajuda psicológica diante das dificuldades enfrentadas nos relacionamentos, bem como os benefícios e vantagens em se encontrar esse serviço disponível em um serviço-escola de psicologia:

“Eu falo que psicoterapia salva vidas, né? E às vezes... é triste quando não chega, então eu acho que, quanto mais esse trabalho puder chegar até as pessoas, melhor vai ser a sociedade; melhor vai ser as relações; vai ser mais fácil da gente ter mais saúde emocional, tanto falo, né, que eu não sei se existe essa saúde emocional palpável, mas assim, vai ser mais perto da gente chegar em relacionamentos mais harmoniosos, eu acho”. (Jussara)

Costa *et al.* (2017) concluem, após uma extensa revisão sistemática da literatura, que a psicoterapia de casal pode favorecer o refinamento da comunicação entre os cônjuges, além de

melhorias no campo “da empatia, da capacidade de perdoar, apoiar e confiar no cônjuge, bem como para o desenvolvimento de estratégias de resolução dos conflitos conjugais” (p. 219).

Nos diferentes depoimentos coletados por meio das entrevistas, sobretudo, nas narrativas das esposas, pode-se perceber a queixa da falta de comunicação entre os parceiros ou como uma dinâmica estabelecida entre a dupla, quase que involuntariamente, de não tocar em certos assuntos, fato que corrobora os achados e hipóteses envolvendo famílias (Féres-Carneiro *et al.*, 2017). Os entrevistados Mário, Mariana, Patrícia e João puderam reconhecer o quanto foi possível ser colocado em palavras, durante as sessões de psicoterapia e que antes disso, tal comunicação não acontecia. Esses participantes destacaram os efeitos benéficos do diálogo para a relação e o quanto mal-entendidos puderam ser esclarecidos, acordos e alianças refeitas, fortalecendo o vínculo. Entende-se ser possível confirmar as constatações de que novos modos de comunicação podem ser criados, diante da tomada de consciência dos efeitos dos mal-entendidos “engendrando, por sua vez, formas inéditas de estar em relação” (Féres-Carneiro *et al.*, 2017, p. 1781). Tal fato é percebido na narrativa de Patrícia, que nos diz:

“De certa maneira sim, a gente conseguiu conversar sobre muitas coisas que a gente não conseguiu em todos os anos de relacionamento”. (Patrícia)

Por outro lado, no caso do casal João e Janice, o mesmo não ocorreu. Quando entrevistados, eles se encontravam em processo de divórcio e ela destaca o quanto faltou comunicação entre eles. Podemos supor, conforme Féres-Carneiro *et al.* (2017), que neste caso se evidenciou a debilidade do sujeito em estabelecer comunicação consigo, não conseguindo reconhecer suas emoções e, tampouco a dos outros. João admitiu e apontou a falta de comunicação como um dos motivos para a busca por psicoterapia. Assim ele se expressa:

“A falta de comunicação, aquela coisa de falta de respeito, bastante coisa que foi desgastando ao longo do tempo; muita cobrança!”. (João)

Contudo, o fragmento abaixo evidencia que João pôde notar o quanto, durante as sessões de psicoterapia, foram acessados assuntos nunca antes abordados, com a possibilidade de serem elaborados.

“eu acho que ele conseguiu extrair, de cada um, tudo aquilo que a gente precisava ouvir ou falar, um para o outro. Um exemplo: eu consegui, na verdade, a terapia conseguiu tirar para fora toda aquela raiva, toda aquela angústia, que a minha esposa tinha que falar certas coisas e não falava ou falava de uma forma diferente”. (João)

Janice queixou-se de que o ex-esposo tinha conversas com a irmã dele, assuntos que deveriam ser tratados entre a díade, fazendo com que ela se sentisse deslocada de sua posição de esposa. Em muitas ocasiões, um ou outro membro do casal espera que o parceiro saiba ou adivinhe seus desejos e necessidades, sem que algo seja dito a esse respeito e quando uma expectativa não é atendida, vem a frustração.

Entende-se que a comunicação é uma importante variável de análise na conjugalidade, já que confere mudanças tanto no sujeito, em relação à sua satisfação no casamento, quanto no par, quanto à resolução de conflitos. Portanto, deve ser considerada pelos profissionais clínicos, uma vez que a comunicação negativa e seus efeitos deletérios se sobressaem aos efeitos da comunicação positiva, a nível da existência da possibilidade de cristalização desses comportamentos na dinâmica conjugal (Costa *et al.*, 2017).

Tais condições ficam visíveis na fala de Janice:

“Porque daquele jeito ali, a gente estava meio que afastado, sem comunicação nenhuma. Assim, o que eu sentia bastante, era que a comunicação dele era com outras pessoas e não comigo, né? Na verdade, eu sentia assim: não a esposa dele, aquele braço direito, aquele porto seguro, aquela pessoa que escuta o seu parceiro. Não, ele desabafava isso com outras pessoas”. (Janice)

No depoimento de Mário, quando questionado sobre o motivo que levou o casal à busca pela psicoterapia, Mário revela a má comunicação que havia entre o casal, asseverando que:

“aí a gente viu que o nosso casamento tinha alguns erros na comunicação. E foi uma coisa que a gente sempre prezou muito, foi a comunicação mesmo, né? Uma coisa familiar minha e dela também, foi a questão sempre de conversar pra resolver os assuntos; questão do respeito”. (Mário)

A conjugalidade tem um ciclo evolutivo próprio, com diferentes fases (Luz & Mosmann, 2018), logo, entende-se que a cada fase desse processo precisa haver uma readaptação nas formas de resolução de conflitos. Entende-se ser relevante realizar um aprimoramento nos ajustes conjugais e, sobretudo, que a comunicação seja refeita e reestabelecida, a depender das circunstâncias atuantes na relação.

Em um estudo longitudinal, compreendido ao longo de cinco anos, Luz e Mosmann (2018) tomam a comunicação negativa como “críticas, culpas ao parceiro e conflitos” e a comunicação positiva foi conceituada como “partilha de sentimentos, discussão da relação e interação com o parceiro” (p. 24). Essas definições nos fazem pensar na queixa de Janice quando indica que o esposo não dividia com ela seus sentimentos e planos, fazendo-o com a irmã, o que provocava em Janice, um sentimento de não estar em lugar de esposa, de “braço direito” do esposo; “aquela pessoa que escuta o seu parceiro”.

A entrevistada Mariana também apontou para a importância da comunicação quando questionada se os objetivos e expectativas quanto à busca pela psicoterapia de casal haviam sido atendidos. Face à pergunta, ela responde:

“Sim, nós saímos um pouco mais satisfeitos, sabe? Porque, não que a gente não se comunicasse; tinha uma comunicação, mas depois a gente saía da terapia, a gente até criou uma rotina, digamos assim né? [...] quando terminava, a gente ainda conversava sobre aquele tema que foi discutido com ela, sabe? Então, uma vez na semana, a gente

falava assim: ‘não a gente vai ter que conversar sobre’ [...] Então a gente acabou criando esse hábito. Então a gente sempre tá se comunicando, conversando, aí a gente, pelo menos uma vez na semana, ‘óh: tem tal assunto para discutir. Vamos sentar e discutir sobre isso’. Foi muito bom!” (Mariana)

Diante desse último relato, pode-se inferir que o casal pôde construir novas formas de vinculação, e enriquecendo suas interações e compartilhando pr ojetos em comum (Rios & Gomes, 2011), diferentemente do caso de Janice e João em que não foi possível instaurar uma comunicação positiva.

Alguns entrevistados se referiram a novas vivências de diálogo que puderam introduzir em sua dinâmica relacional, advinda da experiência em sessão. Os casais Mariana-Mário e Jussara-Jefferson aproveitavam a ocasião em que eles tiveram em psicoterapia para dar continuidade a diálogos após as sessões. É necessário destacar que o grupo casal ou família já existe antes do início da psicoterapia, fato este que explica a durabilidade das interações antes e depois das sessões, uma vez que já se conhecem, já sabem sobre si e sua convivência e se estende para além das sessões (Sei, 2011).

Assim, Mário nos conta:

“tanto que depois de toda a conversa que a gente tinha, a gente não encerrava ali, a gente ia para a cantina da Original, ali no CCB mesmo e continuava o papo, por mais uns 20 minutos. A gente falava: ‘Nossa, o que que você achou da Fulana? Do que ela falou? Você acha que é certo isso? Ó amor, me desculpe por isso’” (Mário).

Jussara e o esposo também melhoraram a comunicação entendendo a sua importância: “E aí, ... a gente fazia terapia e depois a gente ficava conversando até o horário de almoço... Isso foi muito importante, porque foi a gente ter um tempo para a gente; para a gente pensar sobre nosso relacionamento, para gente respirar... A gente continuava. Às vezes na UEL, quando não tinha muita gente, muita aula, né, como espaço aí é bem

agradável e tudo mais, a gente andava, tomava um café ... mas era um momento que a gente tinha, né?” (Jussara).

Mário nos conta como lhe foi possível, a partir das reflexões realizadas em sessão, perceber o quanto os conflitos eram gerados por sua insegurança dentro do relacionamento.

“Mas eu fui ver, na maioria das sessões, que, o que me incomodava era por conta da minha insegurança mesmo; e não tinha algo de errado com ela, entendeu? Então muita coisa que eu ouvia, na verdade era fruto da minha cabeça; das minhas experiências ou dos meus traumas também e eu acabava querendo jogar nela, entendeu? Nunca achava que o problema era meu; sempre depositava o problema nela. ‘Ah não, vamos tratar a gente’, né? Ou ‘na gente’, né? Eu não falava: ‘Ó amor, vou me tratar’. Tanto que eu demorava... eu demorei muito para, tipo, para entender que eu precisava de uma terapia individual”. (Mário)

Na continuidade, ele acrescenta que os efeitos positivos da psicoterapia alcançaram a ambos:

“Foi, foi mais que, digamos assim, foi benéfico para nós dois, né, ambos; porque a Mariana também conseguiu entender o que eu pensava, né? ... ela entendeu um pouco, como que é; porque homem e mulher também pensam diferente, né?... Então acabou entendendo; eu entendi ela também e, mas foi mais benéfico assim; surtiu mais efeitos em mim. Então eu vi que eu era o maior causador de problemas mesmo”. (Mário)

Quando perguntado se os objetivos e expectativas em relação à psicoterapia foram alcançados, Mário verbaliza:

“Foram até, digamos assim, mais para mim, igual eu falei; mais individuais, mas digamos assim que, falando do casal foram, foram até ultrapassados, porque eu achei que ia ser só uma conversa, tipo, tem que fazer assim, assim, mas acabou sendo um momento de muita reflexão, muito, muito positivo. Eu acho que sim”. (Mário)

Obtivemos nas falas seguintes, relatos sobre os ganhos resultantes da busca por psicoterapia de casal e também o destaque a alguns pontos específicos do serviço oferecido pela instituição:

“Ajudou, ajudou bastante. Como eu disse, superou as expectativas e eu creio que, mais me ajudou do que ajudou o namoro. Porque como, as questões maiores eram eu no namoro, me melhorando, né, eu quis também melhorar, e melhorou o namoro também. E a Mariana também estava muito aberta a mudanças e acabou melhorando. Eu diria que o namoro melhorou em 80%; porque acho que faltava comunicação e melhorou essa comunicação, o respeito melhorou demais. Foi uma experiência sensacional!” (Mário)

Patrícia reconhece que a psicoterapia ajudou muito e destaca como ponto forte que: “a gente conseguiu se conhecer tanto como pessoa, quanto a gente no relacionamento...”.

Como observado, outro aspecto percebido foi que alguns participantes se deram conta da necessidade de serem atendidos de modo individual. Por meio do estudo de um caso clínico, Gomes e Levy (2010) discutiram quais as circunstâncias que melhor indicam se o caso é para psicoterapia de casal, familiar ou psicoterapia individual. As autoras concluíram que na psicoterapia de casais é possível ficar evidente quando os limites individuais não estão bem claros, se mesclando uns aos outros e possibilitando que o casal construa pactos inconscientes que os prejudicam na movimentação da dinâmica conjugal. Suspeitamos que isso possa ter ocorrido com Mário quando consegue perceber a sua participação nos conflitos existentes na relação com Mariana, identificando os aspectos que pertenciam a ele. Por exemplo, sua insegurança a respeito do passado da companheira, entre outras questões.

Nesse sentido, Mário assim se expressa:

“É isso, que conclui, exatamente. Conclui que 90% do problema do relacionamento era eu, por conta desses ciúmes; porque as respostas que Mariana me dava em relação a isso,

eu achava que era erro dela, mas era uma forma dela me responder ao excesso de pergunta que eu fazia.” (Mário).

Patrícia e a companheira também perceberam a necessidade de um acompanhamento individual:

“...a Fulana trouxe para ela como era importante ela fazer individual, então, a terapia de casal também mostrou isso para ela e ela foi atrás, pra fazer terapia individual” (Patrícia).

Na experiência do casal Mariana e Mário, a fusão da dupla foi percebida pela terapeuta:

“Ela (a terapeuta) sempre falou assim: ‘olha gente, não tem problema a gente conversar sobre isso, mas é um problema individual; vocês também têm que saber a individualidade de cada um’. Porque no início, a gente era muito tipo junto, digamos assim, sabe? O meu problema era o problema dele, então a gente achava que era dos dois, mas não era; então junto com a Fulana a gente foi tentando entender, primeiro que, cada um tem a sua individualidade e juntos temos um problema para resolver... Aí a gente foi tentando entender tanto isso, que tipo, cada um tem a sua vida, digamos assim né, sua particularidade e também junto tem um problema a ser resolvido” (Mariana).

Na experiência da psicoterapia psicanalítica de casais, alguns casais e entrevistados passaram pela vivência do término da relação conjugal. Diante deste desfecho, lembramos que o compromisso dessa modalidade de acompanhamento psicológico é com a saúde emocional de ambos os membros da díade e não com a manutenção do casamento (Féres-Carneiro, 1994).

Segundo Magalhães e Féres-Carneiro (2004), o fato de as instituições sociais estarem mais instáveis, frágeis e transitórias se reflete em uniões também mais frágeis, prejudicando a manutenção de compromissos e de acordos mútuos e comprometendo a continuidade das relações. Ao procurarem ajuda terapêutica, alguns casais desejam “salvar” o casamento – em nossa experiência, a grande maioria – e dar continuidade à união, como se percebe na fala de Janice:

“o fator determinante mesmo de eu procurar ajuda foi querer melhorar alguns pontos onde eu tava vendo que tava bem desgastante e também querer entender ele, né? Esse foi o motivo”.

Enquanto que outros casais já chegam buscando a melhor forma de se separarem, imbuídos de uma certeza de que já tentaram de tudo e/ou que o amor entre eles acabou. Alguns têm a demanda inicial de se separarem e ao longo do processo percebem que não era isso que desejavam. Em contraponto, há aqueles que buscam se manter unidos e no processo se dão conta de que isso não é mais possível (Féres-Carneiro, 2003).

Entre os casais entrevistados nesta pesquisa, três deles tiveram a separação como desenlace final. Entende-se que o fato de haver casamentos estáveis não implica no fato deles serem satisfatórios e a psicoterapia de casal pode oportunizar a avaliação deste vínculo e qualidade conjugal. A comunicação negativa pode estar presente nas relações estáveis, com a manutenção desses relacionamentos se dando em decorrência de "crença religiosa, medo da mudança, e até mesmo não querer dividir o patrimônio" (Luz & Mosmann, 2018, p. 28).

Janice expressa a experiência vivida assim:

“Hoje eu, depois de ter passado a terapia com [cita o nome do terapeuta] né, por vários meses, tentando recuperar o casamento, mas eu acho que não deu certo: as duas partes não se alinharam. A minha e a do meu esposo. E a gente, por final, decidi colocar um ponto final...” (Janice)

E Cândida se expressa assim:

“Ah sim, eu fui fazer terapia, fui atrás, né, para tentar salvar meu casamento, né... eu estava meio que tentando salvar o casamento... porque eu sempre pensei que casamento seria algo para a vida toda, principalmente por ter um filho especial, né, ele precisa dos dois. Eu fui pra tentar salvar o casamento que já estava falido; já estava sofrendo agressões psicológicas”. (Cândida)

Já Patrícia nos conta que o casal passava por pequenas crises e que:

“Então a psicoterapia ajudou nessa segunda (crise), o que levou, também, ao término. Porque falam, né? A minha amiga fala: ‘terapia de casal é para ajudar em duas coisas, ou pra melhorar ou pra ajudar a terminar, sendo que queria terminar e não conseguia. Então, esse foi o nosso caso: tava indo ruim, mas a gente não conseguia terminar, então a terapia ajudou’”. (Patrícia)

Ao final Patrícia desabafa que “Olha, não posso falar que tô 100% curada, mas é um processo”. Pensa-se ser possível ler que é, provavelmente, em decorrência da elaboração possibilitada pelas sessões que ela pôde se fortalecer e tomar uma decisão, a despeito da dor que o rompimento de um relacionamento poderia trazer.

O ideal contemporâneo de casamento é de extrema exigência de que o outro se entregue totalmente, ao mesmo tempo em que é desejado por inteiro, na busca por satisfação plena, causando “um aumento das expectativas, uma extrema idealização do outro e uma superexigência consigo mesmo, provocando tensão e conflito na relação conjugal, podendo levar à separação” (Féres-Carneiro, 1998, p. 385). Por vezes, uma reestruturação da dinâmica conjugal não se faz possível, por estar além dos limites do par (Rios & Gomes, 2011), a despeito do empenho do casal em participar do acompanhamento psicológico, tendo a separação efeitos construtivos para os membros da família. Janice reflete sobre os alcances da psicoterapia:

“nós nunca tínhamos passado por essa situação de terapia. Aí nós fomos e ele no começo, ele até foi; a gente conseguiu alinhar alguns pontos, mas assim, o ponto que eu queria que ele entendesse, que fosse alinhado, até hoje não aconteceu, que é o meu papel de esposa dele; isso não aconteceu. Acho que foi por isso que aconteceu divórcio. [...] Não tinha como manter mais naquela situação onde não haveria mudança; que foi até falado que não haveria mudança. Ele falou: ‘Não, eu não vou... é isso mesmo, se quiser vai ter que ser assim, dessa maneira mesmo que eu quero que siga’, entendeu? E não

houve um posicionamento dele, a respeito de alguma mudança [...] por ter feito terapia, eu, minha expectativa era de um retorno de um casamento, mas nem sempre é assim, né, então, acho que nem sempre o melhor era o retorno, né? Talvez o melhor mesmo foi cada um seguir para outro lado”. (Janice)

Ávila (2021) põe em relevo que vai tudo bem em um casamento quando o par conjugal busca trilhar o mesmo caminho, contudo, ambicionando o pleno desenvolvimento de cada um, individualmente. Quando ambos buscam se fazerem felizes, sendo apoio recíproco, fonte de segurança, conforto e esperança. O autor assevera que “Casamentos bons, potencialmente, fazem homens e mulheres viverem melhor” (Ávila, 2021, p. 62).

À guisa de encerramento da análise dessa categoria, afirmamos que estamos em conformidade com Féres-Carneiro (1998, 2003), quando destaca que, a partir de suas pesquisas e experiências em consultório, constatou que o divórcio não caracteriza uma desqualificação do casamento, mas ao contrário, uma supervalorização do mesmo, ao não aceitarem permanecer em uma relação insatisfatória. Tem-se, adicionalmente, que o auxílio terapêutico alcançado em uma psicoterapia de casal pode representar tanto o fortalecimento dos vínculos, pela elaboração de questões mal resolvidas, quanto culminar em uma separação como melhor condição emocional para ambos os cônjuges e filhos. Não se menospreza a dor sentida por cada um dos envolvidos durante esse processo, e não se esquece a necessidade de elaboração de um luto pelo ideal perdido, já que “quando o projeto de constituir família é interrompido com a separação, os homens se sentem sobretudo frustrados e fracassados, e quando a relação de amor termina, as mulheres se sentem sobretudo magoadas e sozinhas” (Féres-Carneiro, 2003, p. 371).

7.2. ATUAÇÃO PROFISSIONAL: INTERVENÇÕES E ALIANÇA TERAPÊUTICA

Ramos (2022) ressalta que a prática da Psicanálise vincular, embora se desenvolva há mais de 50 anos, apresenta-se como um campo do conhecimento que envolve teoria e técnica

específicas para o atendimento a casais e famílias, configurando-se como algo recente e ainda em construção. Por outro lado, encontramos no Dicionário de Psicanálise de Levisky *et al.* (2021), um breve histórico da Psicanálise de Casal e Família no Brasil (Lopes *et al.*, 2021) que nos mostra um percurso de trabalhos, estudos e práticas desenvolvidos, que apontam para uma forte e estrutura já consolidada. Lopes *et al.* (2021), responsáveis pelo referido histórico, reuniram seus conhecimentos sobre a implantação e desenvolvimento das práticas clínicas e teóricas na área, desde as contribuições internacionais oriundas de atendimentos psicológicos a grupos, famílias e casais, no período pós Segunda Guerra Mundial.

Assim, data de 1970 a formação dos primeiros núcleos de estudo no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre, época em que tanto os brasileiros iam para o exterior em busca de conhecimentos, estagiando em renomadas escolas, quanto professores estrangeiros vinham ministrar cursos. O conhecimento adquirido era transmitido em grupos e aplicados em trabalhos independentes, o que possibilitou o aprofundamento do estudo e favoreceu a difusão do conhecimento e da prática entre os psicanalistas. Laboratórios de estudos foram criados, cursos específicos de pós-graduação implantados, seminários internacionais ofertados, assim como importantes congressos realizados e livros publicados. De 2008 a 2018 (Lopes *et al.*, 2021), os cursos sobre famílias passam a ser regulares, sendo que em 2006 foi fundada a Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família (AIPCF) e em 2017 foi fundada a Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família (ABPCF). Muitos nomes se destacaram no ensino e atendimento a casais, bem como assumindo cargos de extrema relevância para o desenvolvimento e progresso desta fatia inovadora na Psicanálise. O curso de Terapia de Casal e Família foi oferecido na modalidade de extensão no Instituto Pieron; institutos se organizaram na oferta de cursos, bem como a formação em Psicanálise de Casal e Família foi introduzida. Esses são apenas alguns fatos entre muitos outros, que indicam o nascimento, desenvolvimento e atual estrutura consolidada da técnica, que foi se expandindo para outras regiões do Brasil,

possibilitando o compartilhamento de opiniões e conhecimentos que contribuíram e continuarão a contribuir com a ampliação e aprimoramento desta prática.

Cypel (2017) observa e analisa a posição delicada do analista neste contexto, uma vez que se disponibiliza a viver o novo e experimentar as transformações presentes na psicanálise contemporânea. Esta autora localiza as características que compõem o “*setting* interno” do analista (p. 56) e que precisam ser complementadas por sensibilidade e cuidado, nessa expansão, para não incorrer em padrões não psicanalíticos.

A pessoa do analista é de extrema importância neste contexto, já que é a partir de sua postura que se constrói a situação clínica, “de sua maneira inconsciente de ser como pessoa, resultante do decantar de sua experiência pessoal, profissional e de sua própria análise” (Cypel, 2017, p. 57). Do psicoterapeuta, espera-se que busque junto aos membros do casal, que estes reconheçam e conquistem o entendimento da realidade do amor, que, diferentemente da fase da paixão, o que se evidencia é que “o outro é outro. Simplesmente isso: outro. Não é uma parte de mim, não é metade da laranja, não é a tampa da panela, é outro. Um homem e uma mulher reais, cheios de limitações, imperfeitos, belos em sua incompletude” (Ávila, 2021, p. 62). É importante que o processo psicoterapêutico acene para esse reconhecimento, com a figura do psicoterapeuta se configurando como alguém que se localiza fora do círculo de amigos do casal, devendo agir como mediador, promovendo o diálogo entre os cônjuges para que possam se escutar um ao outro.

Neste tópico pretendemos examinar os efeitos da atuação dos profissionais que executaram os atendimentos aos casais entrevistados, sob a ótica destes e dos afetos neles despertados. Como cada um deles sentiu a influência da presença e participação destes psicoterapeutas e o que creditam aos seus profissionalismos, à escuta analítica, nos desfechos das psicoterapias. Sei e Zanetti (2017) historicizam e contextualizam o início do projeto de extensão no qual se localizam as práticas de atendimento aos casais entrevistados neste trabalho

e destacam a importância desta vivência na formação do estudante de psicologia. Não desconsiderando a complexidade deste tipo de atuação profissional, as autoras colocam em relevo a possibilidade de se

ampliar o olhar do futuro profissional, sensibilizando-o a contemplar não somente o indivíduo, mas também sua história familiar, consciente e inconsciente, os vínculos estabelecidos, deslocando muitas vezes o olhar do paciente identificado para a dinâmica familiar (Sei & Zanetti, 2017, p. 44).

A implementação de tal projeto levou em conta a exigência de ética e consistência na formação e futura atuação do profissional de Psicologia, além de contemplar o enriquecimento desta formação por ofertar conteúdos e práticas necessários ao bom exercício da profissão. São esses cuidados e essa atenção no início da constituição de um psicoterapeuta que assegurarão o bom desempenho diante dos pacientes que o buscarem, sejam indivíduos, casais, famílias inteiras ou qualquer outro grupo. E em específico estes últimos que demandarão um olhar para além do ambiente intrapsíquico, abarcando a realidade construída na relação vincular com os demais componentes do grupo, seja casal ou família. Assim, “quando o terapeuta tem como paciente um casal ou uma família, deve-se considerar não somente os aparelhos psíquicos individuais de cada um dos sujeitos na sessão, mas as dinâmicas e funcionamentos psíquicos que ocorrem nestes vínculos” (Sei & Zanetti, 2014, p. 119, 120).

Os aspectos aqui investigados seriam a relação, as intervenções e as alianças terapêuticas estabelecidas entre paciente e analista. Assim sendo, a fala de Janice destaca o ponto forte da psicoterapia em sua opinião, pelo manejo executado pelo psicoterapeuta:

“E um ponto alto, eu acho que foi ali o fator comunicação, entre eu e meu esposo, que foi levado através da terapia, que nós não tínhamos; nós entendemos um ao outro; ele me entender e eu entender ele, mesmo não aceitando e pelo manejo do [Nome do

terapeuta], a gente acabou se encontrando nisso, mesmo não dando certo o casamento”.

(Janice)

Já João destaca que, apesar de o casal ter se separado, que foram “muito bem recebidos” e que “tivemos um suporte muito bom”, se referindo à atuação do psicoterapeuta que os acompanhou. E ele acrescenta:

“O psicólogo que nos atendeu é uma pessoa, assim, que eu acho, tem um futuro muito bom... em questão de profissionalismo, eu acho que a ajuda que nos foi dada, foi muito boa. O motivo foi nosso mesmo de não ter dado certo a continuidade.” (João)

Percebe-se que João exime o psicoterapeuta de qualquer responsabilidade sobre o desfecho passível de ser visto como negativo e compreende o lugar de neutralidade deste profissional. João ainda acrescenta que a relação entre paciente e psicoterapeuta era muito boa; que se sentia à vontade para conversar; que “via nele, uma pessoa bem transparente, bem lúcida, ... eu via nele um potencial em ajudar, grande. Não foi por falta de ajuda que não deu certo” (João).

Na vivência de Patrícia, a aliança terapêutica se fez tão estreita e positiva que a paciente revela o desejo de se tornar amiga da psicoterapeuta que atendeu ao casal:

“Inclusive, esses dias eu tava pensando, falei, ‘nossa, ela era tão legal, tão boa, será que ela não pode fazer terapia individual comigo ou a gente não pode virar amigas?’ Porque a relação era uma relação muito boa; eu gostava muito dela e como ela é estudante de psicologia, então eu sempre a vejo pelos corredores; a gente se cumprimenta... talvez a forma dela falar... ela era muito atenciosa também, nas sessões; ela, não sei, tipo, ela fazia o ambiente ser um ambiente que a gente falasse. Porque eu já participei de muitas, muita terapia, sabe, era difícil eu falar porque não me sentia à vontade com o terapeuta e não sei como, mas a Fulana fez a gente se sentir à vontade”. (Patrícia)

Patrícia continua seu relato acrescentando que “A participação dela foi de extrema importância”, considerando que “as pautas que ela trouxe para a gente pensar sobre” ou “os *feedbacks*” tinham a função fazer “a gente pensar sobre coisas que a gente passava reto”. No trecho seguinte estão contidas ideias que denotam o posicionamento do psicoterapeuta no manejo das sessões, possibilitando que o próprio paciente chegasse a algumas conclusões sobre si mesmo.

“Mas aí eu vi que, basicamente, a terapia de casal ajudou muito em nós, porém me ajudou também. Não que acabou sendo uma terapia individual, porém acabou me refletindo que, ... os problemas estavam refletindo no namoro, mas era eu que causava, entendeu? Então, era... mas não que a Fulana falou: ‘Ó, o problema é seu’. Não. Mas ela falava: ‘Ó Mário, será que tá certo? Ó, já aconteceu. Você acha que está certo você ficar toda hora perguntando?’” (Mário).

Por entendermos a aliança terapêutica como uma relação de trabalho que se estabelece entre o paciente e o terapeuta, espera-se que o psicoterapeuta possa atuar demonstrando empatia e respeito pela história e por tudo que escuta do paciente. Suas intervenções devem ser claras e reforçadoras, não sem antes refletir sobre o caso atendido, ou seja, que ele não se apresse em tecer comentários, sem antes se apropriar de dados trazidos pelo paciente (Peres, 2009). Tais cuidados colaboram para o estabelecimento da aliança desde os primeiros atendimentos, constituindo um ambiente no qual o paciente possa se sentir à vontade para falar sobre si, sabendo que será acolhido em seu sofrimento e que não será julgado.

Feijó *et al.* (2023) observam a necessidade, para que se estabeleça uma aliança, de que nessa relação existam aspectos que vinculem o paciente ao terapeuta, representando um acordo, explícito ou não, “sobre os objetivos e tarefas do tratamento” (p. 113) e também que se constitua um vínculo de confiança e apego. Na fala de Patrícia, percebe-se a presença dessas características no espaço em que se deu sua experiência nas sessões de psicoterapia de casal, o

que fez com que ela sentisse confiança e pudesse relatar as angústias vivenciadas na conjugalidade.

Os fragmentos de fala de João, Janice e Mariana também possibilitam que suponhamos a instauração da aliança terapêutica entre eles e seus respectivos terapeutas, uma vez que estes entrevistados não arramaram a atuação do psicoterapeuta como positiva e destacaram suas intervenções como assertivas para cada caso, bem como descreveram o ambiente como acolhedor e permeado por profissionalismo. A importância da aliança terapêutica para a formação do vínculo, da manutenção e desfecho psicoterapêutico, se expressa na existência de instrumentos específicos para a sua mensuração (Maia *et al.*, 2017), como também pelos bons desfechos atestados em análises multiníveis (Feijó *et al.*, 2023).

Não se sabe o que as pessoas que não responderam ao convite para participação nas entrevistas poderiam indicar, sendo possível inclusive refletir que a não participação pode acenar para uma vivência não tão positiva quanto à psicoterapia de casal e/ou à conjugalidade. Contudo, a despeito do atendimento usualmente ser realizado por um estudante ainda em período de formação, que poderia implicar em impasses face à condução de uma modalidade de atendimento clínico mais complexa do que a psicoterapia individual, entende-se ter sido possível colher resultados satisfatórios com os entrevistados.

7.3. A PSICOTERAPIA NO SERVIÇO-ESCOLA E OS ATRAVESSAMENTOS INSTITUCIONAIS

Nas narrativas dos entrevistados pode-se perceber a interação de algumas normas referentes ao funcionamento dos atendimentos, oriundas de uma organização proposta pela instituição, juntamente com a Clínica Psicológica, bem como situações comuns presentes no contexto de um serviço desenvolvido por terapeutas ainda em formação. Como ilustração do tema acima referido, trazemos a experiência de Mariana que, ainda em um namoro com Mário,

destoava do habitual público de casais atendidos no projeto, casados ou em uma união estável, colocando a terapeuta em dúvida quanto à possibilidade de aceitá-los em atendimento:

“Tanto é que, no início ela (a terapeuta) falou assim: ‘Ah, mas vocês não são casados’.

Eu falei não. Ela: ‘Então eu vou ter que ver com minha supervisora, se pode’. Porque até então era pra ser casal casados. Aí ela falou: ‘não, vamos fazer um teste com vocês, porque a gente nunca teve de namorados’” (Mariana).

Tal situação exemplifica a inexperiência do psicoterapeuta, sua insegurança em decidir sem antes falar com sua supervisora, além de expressar a função da supervisão no ensino dos futuros psicólogos a como lidar com situações atípicas, preparando-os para atuarem por conta própria. A supervisão, como um dos pés do tripé da formação do psicólogo, configura-se como espaço de elaboração de questões do estudante quanto à suas ansiedades e inseguranças próprias deste momento de aprendizado e de formação (Sei & Zanetti, 2017; Sei, 2017; Gouveia & Sei, 2023).

O trabalho de Machado *et al.* (2016), pesquisando o panorama sobre a formação do psicólogo clínico, procurou investigar as sensações evocadas nos estudantes em seus primeiros atendimentos a casais ou a famílias dentro do projeto de extensão considerado nesta pesquisa. As expressões verbais coletadas nas entrevistas comprovaram a presença de sentimentos e emoções como insegurança, medo e ansiedades, advindos do fato de que estes estudantes estavam entrando em contato com os atendimentos a casais e/ou famílias pela primeira vez e, sobretudo pelo fato de que a interação com grupos exige muito mais do terapeuta do que quando se está apenas com um indivíduo em sessão. Como já citado neste trabalho, a modalidade de psicoterapia que recebe este público se faz mais complexa e desafiadora ao futuro psicólogo, uma vez que este se vê sendo observado por todos os membros da família ou casal, ao mesmo tempo em que precisa escutar a todos e se colocar como alguém que pode ajudá-los.

Estas primeiras experiências podem produzir sensações de despreparo, angústia e mal-estar emocional, levando em conta que o psicoterapeuta ainda não possui as ferramentas ou habilidades para manejar um *setting* terapêutico. Contudo, a ansiedade presente, em doses saudáveis, pode incentivar o estudante de psicologia a se preparar para enfrentar situações novas e se esforçar para um desempenho adequado (Machado *et al.*, 2016).

Outros pontos também foram destacados pelos casais participantes, como limites ou como aquilo que consideraram insuficiente na organização dinâmica do funcionamento dos atendimentos dentro do projeto. Pelo fato de os atendimentos serem realizados na Clínica Psicológica da universidade, esta efetua o gerenciamento das inscrições, a oferta dos materiais utilizados, bem como estabelece uma ordenação que se refere aos horários, disponibilizando as salas e também um controle que restringe as faltas (Brasil *et al.*, 2025). A oferta de horários também depende da disponibilidade dos alunos/terapeutas que se organizam entre as diversas demandas da graduação em curso, além de estarem submetidos ao calendário letivo.

Quando perguntados sobre os pontos fortes e fracos do atendimento realizado, a regra que estabelece a possibilidade de apenas três ausências para garantir que o casal mantenha sua vaga dentro do serviço, as formas e a quantidade de divulgação quanto à existência do projeto e dos atendimentos nas mídias, bem como a limitação temporal, foram as queixas levantadas por alguns deles, nas seguintes palavras:

“É, acho que a limitação do tempo. Acho que um ano já faz muita coisa boa, muita coisa boa mesmo, mas pensando assim psicoterapia de maneira geral, não só do casal, né? Talvez, né, não ter essa limitação de tempo” (Jussara).

Sobre a divulgação do serviço, Jussara diz que:

“tem muita gente que não faz ideia... tem serviço muito legal aí que tá sendo desenvolvido, que eu acho que talvez pode chegar em mais gente...”.

Na visão de Patrícia temos a seguinte percepção:

“Mas o ponto fraco eu acho que é a limitação de vagas, porque eu sei que tem toda a parte da infraestrutura, profissionais, enfim, tem essa parte da limitação de vagas, tem essa parte da limitação do tempo... às vezes, tem casais que precisam de mais tempo do que um semestre. E talvez a divulgação também, porque, querendo ou não, chega mais na gente, comunidade da UEL, do que de fora”. (Patrícia).

Janice, ao responder sobre o que mudaria no serviço, se expressou assim:

“Ah, eu acho que um pouquinho mais assim, a disponibilidade de faltas, que era uma coisa assim... eu sei que tem que ter umas regras, né, mas três faltas perderia o serviço. Eu acho que um pouquinho mais de manejo nessas situações, sabe”? (Janice).

Mario diz que mudaria “a que estão de divulgação” e se queixa da inflexibilidade de horários:

“... os horários, às vezes, muito ruins, tipo, pelo menos para mim e para Mariana, né? Ou a inflexibilidade deles, né, tipo, a gente só conseguia... se a gente não conseguia numa segunda-feira, era só na outra segunda; não podia marcar, tipo, numa quinta, numa quarta. A gente até tentava desdobrar, tipo, desmarcar alguns compromissos, mas daí, por conta da clínica não disponibilizar ou por conta da Fulana mesmo, a gente não conseguia realocar” (Mário).

Em um estudo de avaliação do serviço prestado no plantão psicológico (Ortolan & Sei, 2019), derivado igualmente de um projeto de extensão, os entrevistados fizeram observações a esse respeito. Como pontos a serem melhorados, os pacientes sugeriram a expansão de dias e horários de atendimentos, mais profissionais, assim como uma melhor divulgação do serviço, alegando que poucas pessoas têm conhecimento dessa oferta de psicoterapia.

A referida avaliação se destinava a saber sobre a visão dos usuários de este serviço específico; avaliar, junto ao público atendido, o impacto deste na vida dos sujeitos, além de

mapear as fragilidades existentes e corrigi-las. A reivindicação quanto aos horários pôde ser atendida, uma vez que o serviço passou a ser ofertado diariamente (Ortolan & Sei, 2019).

Tais pontos destacados dizem respeito a algumas regras estabelecidas pela instituição e ordenamentos exigidos pela Clínica de Psicologia, que acabam por atravessar e influenciar o serviço prestado, bem como a visão dos pacientes atendidos, em relação ao mesmo.

Outros aspectos observados pelos entrevistados, dizem respeito a vantagens de o serviço estar alocado no campus universitário, facilitando o acesso de alguns casais que eram estudantes de graduação e a proximidade das idades entre aluno/terapeuta e esses casais/estudantes, fato este que favoreceu a aliança terapêutica nas relações. Algumas construções verbais a esse respeito ilustram o tema acima destacado. Sobre a proximidade das idades:

“Então, digamos assim, que depois de um tempo, muitas vezes, a Fulana quebrou a quarta parede¹, vamos dizer assim. No sentido de ela falar mais como pessoa mesmo, tipo, às vezes ela dava alguns conselhos. Isso foi muito legal, a gente até pedia para ela. Porque às vezes ela tava ouvindo e ela fazia umas caras e a gente: ‘Ué Fulana que que é essa cara?’ Ela: ‘Não, nada não.’ Eu falava: ‘não Fulana, você vai contar alguma coisa que é sua. Pode falar.’ Ela: ‘Não, é porque tem essa questão de paciente.’ E a gente: ‘Não, pode falar Fulana; porque a gente é quase da mesma idade a gente tá pedindo para você falar como pessoa, não como psicóloga em si.’ Às vezes, ela contava, lógico não com muito a fundo nela, né? Mas ela contava alguma coisa, tipo, que era mais da percepção dela e não da questão da psicóloga, porque a gente pedia” (Mário).

Ao responder sobre a sua relação com a psicoterapeuta, na categoria anterior, Patrícia se referiu ao fato de encontrar a mesma nos corredores e poder cumprimentá-la, enfatizando a conexão entre elas e seu desejo de tê-la como sua terapeuta individual ou até mesmo tornarem-

¹ “Quebrar a quarta parede”: Expressão utilizada pelas mídias para se referir a personagens de uma obra (teatro, livro, jogo ou filme), que interagem diretamente com o público, rompendo a barreira invisível entre ficção e realidade.

se a migas. Tal sentimento reconhecido pode corresponder a um senso de proximidade responsável pelo estabelecimento da aliança terapêutica.

Sobre a gratuidade, Mário se refere a ela e destaca como pode se tornar “muito caro” um acompanhamento psicológico.

“E a questão da gratuidade, muito bom, né, porque hoje qualquer psicólogo assim, é muito caro, né, infelizmente! Acho que nem todos têm condição de pagar. Que é um serviço prestado à comunidade, então melhora o entorno da nossa comunidade mesmo; então é um ponto muito bom! Tudo que vem para implementar no social, eu acho que é extremamente bom”. (Mário)

Patrícia também citou a gratuidade do serviço ofertado pela instituição, implicando em maior possibilidade de acesso à modalidade de atendimento pela comunidade.

Sobre a questão do acesso ao local de atendimento, Mário observa que:

“Ó, forte, é a questão de ser na UEL; então a questão da localização ajudou bastante (Mário).

Tais características destacadas pelos participantes se configuram como atravessamentos institucionais que afetam e influenciam positiva ou negativamente, na opinião destes, o serviço ofertado. Neste sentido, a instituição se mostra como um terceiro que rege as atitudes do terapeuta e o funcionamento do serviço.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto que i ntencionamos, ne sta pe squisa, i nvestigar a vi são dos ex-pacientes d a psicoterapia d e cas al realizada n a C línica P sicológica d a U EL, apontamos o s al cances d a mesma. Considera-se que esta investigação contribuiu para a avaliação do serviço oferecido à comunidade a partir do pr ojecto de extensão, uma vez que se pôde escutar dos entrevistados, suas expectativas, percepções e considerações em relação aos atendimentos e à d inâmica que envolve o serviço.

No decorrer das sessões e como fruto alcançado no atendimento psicoterapêutico, os entrevistados relataram a melhora na comunicação, promovendo a diluição de mal-entendidos na relação am orosa. Esse alcance se percebeu, i nclusive entre o s c asais, cuja d issolução da relação se deu ao final dos atendimentos.

Nos diferentes depoimentos coletados, foi possível perceber que os casais buscaram a psicoterapia de casal estando em crise e visando à recuperação da saúde da relação. Contudo, alguns r elataram a d ecisão d e s eparação co mo m edida al cançada n o d esfecho d o acompanhamento ps icológico, s endo pe rcebida c omo m elhor s aída p ara os e nvolidos, confirmando a premissa de que a psicoterapia não se ocupa com a ruptura ou com a manutenção da união, mas com a saúde emocional da relação (Féres-Carneiro, 1994).

Os c asais e ntrevistados destacaram os be nefícios de ste a companhamento, pondo e m relevo a oportunidade de se comunicar, de esclarecer suas frustrações dentro do relacionamento e de poder fazer ajustes para o futuro. Inclusive aqueles que tiveram a d issolução da relação como desfecho final, apontaram o quanto a psicoterapia de casal os ajudou a tomar essa decisão de u ma f orma co nsciente e co mpreendida. T ambém f izeram r eferência à aliança q ue estabeleceram com seus terapeutas, o que facilitou a abertura a diálogos e a transparência nas relações, sem deixarem de citar o acolhimento do qual puderam desfrutar e a compreensão com

a qual foram escutados. Todos, em uníssono, mostraram uma visão positiva em relação ao serviço ofertado pela instituição, muitas vezes destacando a gratuidade e a acessibilidade como pontos fortes do projeto de extensão.

Consideramos, então, que a psicoterapia de casal promoveu espaço para elaboração de questões da conjugalidade, bem como ofereceu recursos para construção de estratégias de solução de conflitos matrimoniais, podendo minimizar disfuncionalidades que afetam e impedem o crescimento emocional dos casais que dela participaram. Tais constatações vêm confirmar a consolidação da psicoterapia de casais como teoria e técnica no campo da psicanálise vincular, sobretudo nas narrativas dos entrevistados que vivenciaram e se beneficiaram.

Pelo fato de o projeto de extensão estar vinculado a uma instituição, pode-se constatar, pela queixa de alguns entrevistados, certa dificuldade em compatibilizar horários para as sessões, já que os atendimentos estão submetidos aos horários de funcionamento da Clínica Psicológica da universidade e também ao calendário letivo. O outro desconforto evidenciado foi a regra que limita o número de faltas para que o usuário possa permanecer em atendimento. Quanto a ela, os casais justificaram enumerando os diversos contratempos que ocorrem e que podem impedi-los de estarem presentes nas sessões, sugerindo que se fosse mais flexível. Alguns deles se referiram à divulgação do serviço como necessitando ser expandida para atingir um público maior, de maneira que mais pessoas pudessem ser beneficiadas como eles sentiram que foram.

Entre os limites da presente pesquisa se encontra o reduzido número de casais participantes, restringindo a abrangência do estudo. Em 60% dos casos, só nos foi possível entrevistar as esposas, sendo que os respectivos cônjuges/ex-cônjuges não se mostraram disponíveis e/ou interessados. Além do fato de que se trata de uma investigação restrita ao funcionamento de um projeto de extensão específico, vinculado a uma única instituição.

Consideramos que a constatação destas restrições aponta para a necessidade de ampliação do conhecimento e manejo metodológico de casos clínicos com casais. Assim, sugere-se que estudos futuros mais robustos possam ampliar a visão deste fenômeno. Compreender melhor o que leva casais a buscarem uma psicoterapia de casal, como vivenciam a experiência de compartilhar suas histórias nas sessões e como elaboram seus conflitos internos sentidos em uma relação vincular, pode, certamente, contribuir de maneira significativa para o aprimoramento dos atendimentos clínicos ofertados a essa população. Assim, entende-se ser pertinente a realização de outros estudos com amostras maiores e em diferentes contextos que ampliem o conhecimento do tema.

REFERÊNCIAS

- Aiello-Fernandes, R., Ambrosio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). O método psicanalítico como abordagem qualitativa: Considerações preliminares. In L. S. P. Cury Tardivo & T. M. J. Aiello-Vaisberg (Orgs.), *Anais da X Jornada Apoiar – O Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social – 20 anos: O percurso e o futuro* (pp. 306–314). Instituto de Psicologia da USP. https://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2016/12/anais_x_jornada_apoiar
- Almeida, M. C. D. S., Franco, R. S., Sei, M. B., & Zanetti, S. A. S. (2016). A formação do psicólogo clínico: considerações a partir de um projeto de extensão com famílias. *Revista Sul Americana de Psicologia*, 4(2), 273 - 297. https://www.researchgate.net/publication/312222515_A_formacao_do_psicologo_clinico_consideracoes_a_partir_de_um_projeto_de_extensao_com_familias
- Aquino, N. C. G., & Sei, M. B. (2020). Fatores terapêuticos em grupos abertos: um estudo qualitativo. *Vínculo*, 17(1), 97 -118. <https://doi.org/10.32467/issn.19982-1492v17n1p97-118>
- Ávila, L. A. (2021). Amor e desejo no vínculo conjugal – a psicoterapia analítica de casais. *Vínculo*, 18(3), 277 -286. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902021000300010
- Azevedo, L. J. C., Féres-Carneiro, T., & Lins, S. L. B. (2015). A família e a transmissão psíquica. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 13(1), 5 -71. <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2015.v13i1.%p>
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Blay Levisky, R. B. (2003). Família: Uma psicoterapia de grupo? In W. J. Fernandes, B. Svartman, & B. S. Fernandes (Orgs.), *Grupos e configurações vinculares* (pp. 215-224). Porto Alegre: Artmed.
- Brasil, A. A., Sei, M. B., Ruiz, R. V. O. & Carvalho, R. M. (2025). A clínica psicanalítica de casal e família em serviço-escola: panorama da atuação de um projeto de extensão (2020-2025). *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, 41(78), 01-13. <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/3376>

- Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-614. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>
- Campos, C. J. G., & Turato, E. R. (2009). Content analysis in studies using the clinical-qualitative method: a application and perspectives. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 17(2), 259-264. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000200019>
- Cavalcante, R. B., Calixto, P., & Pinheiro, M. M. K. (2014). A análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Sociedade: Estudos*, 24(1), 13-18. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10000>
- Costa, C. B., Delatorre, M. Z., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2017). Terapia de Casal e Estratégias de Resolução de Conflito: Uma Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 208-223. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000622016>
- Cypel, L. R. C. (2017). Reflexões sobre a interpretação na clínica contemporânea de psicanálise dos vínculos de família e casal. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2), 55-64. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000200004
- Deslauries, J. P., & Kérisit, M. (2008). O delineamento de pesquisa qualitativa. In *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos* (A. C. Nasser, Trad.) (pp. 127-150). Vozes. <https://bds.unb.br/handle/123456789/1256>
- Donnamaria, C. P., Nascimento, F. R., & Terzis, A. (2010). Vínculos conjugais na contemporaneidade: Revisitando parâmetros definitórios. *Revista do NESME*, 7(1), 1-11. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v7n1/v7n1a02.pdf>
- Feijó, L. P., Strassburguer, B. C., Barcellos, E. D., & Serralta, F. B. (2023). Processo da aliança terapêutica em um caso bem-sucedido de psicoterapia psicodinâmica on-line para ansiedade. *Revista Ces Psicologia*, 16(1), 111-131. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-30802023000100111
- Féres-Carneiro, T. (1994). Terapia de casal: ruptura ou manutenção do casamento? *Temas em Psicologia*, 2(2), 37-52. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200005

- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379–394. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(3), 367–374. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000300003>
- Féres-Carneiro, T., & Diniz-Neto, O. (2008). De onde viemos? Uma revisão histórico-conceitual da psicoterapia de casal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 487–496. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000400012>
- Féres-Carneiro, T., Mello, R., Machado, R. N., & Magalhães, A. S. (2017). Falhas na Comunicação: Queixas Secundárias para Demandas Primárias em Psicoterapia de Família. *Trends in Psychology*, 25(4), 1773–1783. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-13Pt>
- Fernandes, M. I. A. (2022). Prólogo. História e memória nos diálogos da psicanálise com casal e família. In S. Pennacchi & S. Thorstensen (Orgs.), *Psicanálise de casal e família: uma introdução* (pp. 17-24). São Paulo: Blucher.
- Freud, S. (2006). Dois verbetes de enciclopédia. In *Obras psicológicas completas: Edição standard brasileira* (Vol. XVIII, pp. 251–274). Imago. (Publicação original em 1922)
- Freud, S. (2006). Recomendação aos médicos que exercem a psicanálise. In *Obras completas: Edição standard brasileira* (Vol. XII, pp. 122–133). Imago. (Publicação original em 1912)
- Gerhardt, T. E., Ramos, I. C. A., Riquinho, D. L., & Santos, D. L. (2009). Estrutura do projeto de pesquisa. In T. E. Gerhardt & D. T. Silveira (Orgs.), *Métodos de pesquisa* (pp. 65-87). Porto Alegre, RS: UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>
- Gomes, R. (1994). A Análise de dados em pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social- teoria, método e criatividade*. (21a e d.). Vozes, 2002. <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>
- Gomes, I. C., & Levy, L. (2009). Psicanálise de família e casal: Principais referenciais teóricos e perspectivas brasileiras. *Aletheia*, (29), 151–160. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n29/n29a13.pdf>
- Gomes, I. C., & Levy, L. (2010). Indicações para uma terapia de casal. *Vínculo – Revista do NESME*, 1(7), 13–21.

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902010000100003

- Gomes, I. C. (2022). As mudanças psicossociais na família e seu impacto na clínica de casal e família. In S. Pennacchi & S. Thorstensen (Orgs.), *Psicanálise de casal e família: uma introdução* (pp. 25-42). São Paulo: Blucher.
- Gouveia, E. C., & Sei, M. B. (2022). Extensão Universitária Pré e Pós-Pandemia: Retratos da Psicoterapia de Casal na Clínica Psicológica da UEL. *Anais do 40º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul*. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul. <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/seurs/article/download/17754/12037/67158>
- Gouveia, E. C., & Sei, M. B. (2023). A Formação em Psicoterapia Psicanalítica de Casal: Perspectivas de discentes de graduação. *Revista da SPAGESP*, 24(1), 99-114.
- Grizólio, T. C., Corsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2015). A percepção da parentalidade de cônjuges engajados em casamentos de longa duração. *Psicologia em Estudo*, 20(4), 663-674. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v20i4.29536>
- Günther, H. (2006). Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201-210. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>
- Kaës, R. (2011a). A realidade psíquica do vínculo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(4), 155-166. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2011000400017
- Kaës, R. (2011b). *Um singular plural: A psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola.
- Kaës, R. (2014). *As Alianças Inconscientes*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Levy, L., & Féres-Carneiro, T. (2008). O aparelho psíquico grupal familiar: Propostas clínicas. In I. C. Gomes (Coord.), *Família: diagnóstico e abordagens terapêuticas* (pp. 28-37). Guanabara Koogan.
- Lisboa, A. V. & Féres-Carneiro, T. (2010). O sonho na clínica de casal. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15(2), 181-188. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000200007>
- Lopes, A. R., Levisky, D. L., Dias, M. L., Pennacchi, R., Levisky, R. B. (2021). Breve histórico da psicanálise de casal e família no Brasil. In R. B. Levisky, M. L. Dias, & D. L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 21-32.) (1ª ed.). Blucher.

- Luz, S. K. & Mosmann, C. P. (2018). Funcionalidade e Comunicação Conjugal em diferentes etapas do Ciclo de Vida. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 21 -34.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702018000100003
- Machado, R. G., Sei, M. B., & Zanetti, S. A. S. (2016). Primeira Experiência Clínica em Psicoterapia de Casal e Família: Relatos de Estudantes. *Revista de Educação da Univas*. 1(1), 150 -168.
<http://ojs.univas.edu.br/index.php/argumentosproeducacao/article/view/43/65>
- Magalhães, A. S., & Feres-Carneiro, T. (2004). Transmissão psíquico-geracional na contemporaneidade. *Psicologia em Revista*, 10(16), 243 -255.
<https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/211>
- Magalhães, A. S. (2017). Prefácio. In: M. B. Sei & I. C. Gomes. (Orgs.), *Formação, pesquisa e a clínica psicanalítica de casais e famílias* (pp. 05 -6). Londrina: Universidade Estadual de Londrina.
- Maia, R. S., Araújo, T. C. S., Silva, N. G. & Maia, E. M. C. (2017). Instrumentos para Avaliação da Aliança Terapêutica. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(1), 55-63.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872017000100009
- Mendes, C. M. (2021). Aparelho psíquico familiar. In R. B. Levisky, M. L. Dias, & D. L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 55 -56) (1ª ed.). Blucher.
- Minayo, M. C. S. (2007). O desafio da pesquisa social. In M. C. S. Minayo, Deslandes, S. F., Neto, O. C. & Gomes, R. (Orgs), *Pesquisa Social - teoria, método e criatividade*. (26ª ed., pp. 09-29). Vozes.
- Minayo, M. C. S. (Org.) Deslandes, S. F., Neto, O. C. & Gomes, R. (1994). *Pesquisa Social-teoria, método e criatividade*. (21ª ed.). Vozes, 2002.
<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>
- Ortolan, M. L. M., & Sei, M. B. (2019). Avaliação do plantão psicológico de um serviço-escola de Psicologia. *Interação em Psicologia*, 23(2), 104 -113.
<https://doi.org/10.5380/psi.v23i02.56248>
- Pelisson, G. S., & Sei, M. B. (2023). Grupo com crianças e uso de recursos artístico-expressivos: um estudo qualitativo. *Vínculo*, 20(2), 116 -127.
<https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v20n2a4>

- Pennacchi, R. (2022). Família: incidências formadoras e patológicas. In S. Pennacchi & S. Thorstensen (Orgs.), *Psicanálise de casal e família: uma introdução* (pp. 139-166). São Paulo: Blucher.
- Pennacchi, R., & Thorstensen, S. Introdução. In S. Pennacchi & S. Thorstensen (Orgs.), *Psicanálise de casal e família: uma introdução* (pp. 09-16). São Paulo: Blucher.
- Porreca, W. (2019). Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(spe), e35nspe7. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe7>
- Puget, J. (2015). Subjetivación discontinua y psicoanálisis. Incertidumbre y certezas. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Puget, J. & Berenstein, I. (1993). *Psicanálise do Casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ramos, D. G. (2019). Efetividade versus eficácia: questões desafiadoras na avaliação de técnicas psicoterapêuticas. In I. Kublikowski, E. M. S. P. Kahhale, & R. M. Tosta (Orgs.), *Pesquisas em psicologia clínica: contexto e desafios* (pp. 47-63). São Paulo: EDUC. <https://ariel.pucsp.br/bitstream/handle/40665/4/9786598538712.pdf>
- Ramos, M. (2022) Reflexões sobre o início do atendimento a casais e famílias. In S. Pennacchi & S. Thorstensen (Orgs.), *Psicanálise de casal e família: uma introdução* (pp. 43-65). São Paulo: Blucher.
- Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2011). Um estudo de follow up em psicoterapia psicanalítica de casais. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21(48), 101 -109. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000100012>
- Rodrigues, B. C., Gomes, I. C., & Oliveira, D. P. (2017). Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(1), 135-150. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2017v8n1p135>
- Sei, M. B. (2011). *Arteterapia e psicanálise*. São Paulo: Zagodoni,
- Sei, M. B. (2017). O atendimento a casal e família em um serviço-escola de Psicologia. In M. B. Sei & I. C. Gomes. (Orgs.), *Formação, pesquisa e a clínica psicanalítica de casais e famílias* (pp. 35-53). Londrina: Universidade Estadual de Londrina.
- Sei, M. B., & Zanetti, S. A. S. (2014). O projeto de extensão enquanto estratégia para formação em psicologia: uma experiência no atendimento familiar. *Revista Espaço para Saúde*, 15(1), 118 -124. https://www.researchgate.net/publication/279275342_O_projeto_de_extensao_enquanto_estrategia_para_formacao_em_psicologia_uma_experiencia_no_atendimento_a_familia

- Sei, M. B., & Zanetti, S. A. S. (2017). A Psicoterapia Psicanalítica de casal e família na Universidade de Londrina. In T. S. Emídio & M. Y. Okamoto (Orgs.), *Perspectivas Psicanalíticas atuais para o trabalho com famílias e grupos na universidade* (pp. 36-47). São Paulo. Cultura Acadêmica Editora.
- Sei, M. B., Zuanazzi, A. C., Oliveira, K. L., Lúcio, P. S., & Cordeiro, S. N. (2019). Da avaliação à psicoterapia em um serviço-escola de psicologia: uma interlocução entre práticas. *Gerais Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(1), 96 -106. <https://doi.org/10.36298/gerais2019120108>
- Silva, A. C. M., Sei, M. B., & Ortolan, M. L. M. (2019). Grupo de crianças em um serviço-escola de psicologia: perspectiva dos usuários e seus responsáveis. *Contextos Clínicos*, 12(2), 509-532. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.06>
- Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2015). Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrônica*, 17(1), 1 -14. <https://www.fepiam.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/2113-7552-1-PB.pdf>
- Silva, L. C. G., & Sei, M. B. (2019). Análise de intervenção grupal breve entre mulheres com quadro depressivo em um serviço-escola de Psicologia. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 39(96), 33 -45. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000100005&lng=pt&tlng=pt
- Silveira, D. T., & Córdoba, F. P. (2009). A pesquisa científica. In T. E. Gerhardt & D. T. Silveira (Orgs.), *Métodos de pesquisa* (pp. 31 -42). UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>
- Silveira, F., Fernandes, M. I. A., & Gaillard, G. (2020). Contribuições de René Kaës para a epistemologia da psicanálise. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 23(1), 39-48. <https://doi.org/10.1590/1809-44142020001005>
- Thorstensen, S. (2022). Complexos familiares: as primeiras vivências em família e seus reflexos na relação de casal. In S. Pennacchi & S. Thorstensen (Orgs.), *Psicanálise de casal e família: uma introdução* (pp. 97-138). São Paulo: Blucher.
- Turato, E. R. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa – definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(1), 93 -108. <https://www.redalyc.org/pdf/287/28720111.pdf>

- Turato, E. R. (2013). *Tratado da Metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. (6a ed.). Vozes.
- Weissmann, L. (2021). Casal. In R. B. Levisky, M. L. Dias, & D. L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 68-70) (1ª ed.). Blucher.
- Zanetti, S. A. S. (2013). O método psicanalítico: Quando a pesquisa pode contar com uma escuta permeável ao inconsciente. In M. B. Sei, M. E. B. T. Reis, & S. N. Cordeiro (Orgs.), *Anais do I Encontro de Pesquisa Clínico-Qualitativa e I Jornada do LEPPSI: Interlocução de saberes, desafios e descobertas na trajetória da pesquisa* (pp. 25–30). Universidade Estadual de Londrina.
- Zanetti, S. A. S., Sei, M. B., & Colavin, J. R. P. (2013). Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade: Contribuições da psicanálise sobre a dinâmica conjugal. *Vínculo*, 10(1), 4-54.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902013000100008
- Zuanazzi, A. C. & Sei, M. B. (2014). Psicoterapia familiar psicanalítica: reflexões sobre os fenômenos transferenciais e contra transferenciais em um serviço-escola de psicologia. *Vínculo: Revista do NESME*, 11(1), 1-6-24.
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v11n1/n1a04.pdf>

ANEXOS

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- (A) - Qual foi o motivo da procura pela psicoterapia de casal ou de família?
- (B) - Quais eram os objetivos e expectativas com relação ao tratamento?
- (C) - Estes objetivos e expectativas foram atendidos?
- (D) - Como era a relação de vocês com o psicoterapeuta?
- (E) - Vocês consideram que a psicoterapia de casal ou de família lhes ajudou?
- (F) - Quais foram os pontos fortes e fracos do atendimento realizado?
- (G) - Vocês mudariam algo no serviço prestado?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa ligada ao Departamento de Psicologia e Psicanálise do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), intitulada **“A psicoterapia de casal e família na Clínica Psicológica da UEL: a visão dos pacientes”**.

A presente pesquisa visa estudar a prática da psicoterapia de casal e família, conhecendo a visão da população acerca do trabalho realizado, investigando limites e alcances da intervenção. Sua participação na pesquisa será por meio da participação em uma entrevista ou mais entrevistas, conforme necessidade, de forma on-line e com gravação de voz e vídeo mediante sua autorização, expressa por meio deste termo. As questões versarão sobre sua experiência na psicoterapia, de forma a avaliar o atendimento prestado. Compreende-se que as interações realizadas no ambiente virtual estão a problemáticas advindas das limitações das tecnologias utilizadas. Adicionalmente, os pesquisadores realizarão todos os esforços possíveis para assegurar a confidencialidade, a fim de evitar riscos de sua violação.

Informamos que a participação não é obrigatória e o Sr.(a) pode se recusar a responder qualquer pergunta que o(a) desagrade. Por se tratar de uma pesquisa de intervenção com seres humanos poderá haver riscos de ordem psicológica e comportamental e estes estão relacionados principalmente ao fato de o senhor(a) sentir algum desconforto ou constrangimento decorrente das questões levantadas pelo entrevistador. Neste caso, a entrevista poderá ser interrompida, com sua participação podendo ser encerrada e o consentimento retirado. Se houver um mal-estar, o participante será encaminhado para atendimento psicológico, que será realizado pelos pesquisadores envolvidos no projeto de pesquisa. De qualquer modo, o(a) senhor(a) possui a liberdade de recusar a participar da pesquisa em qualquer momento da mesma, sem penalização ou prejuízo algum. Não haverá qualquer gasto para a participação nesta pesquisa.

Contudo, também é importante ressaltar que a pesquisa visa contribuir para o avanço das ciências em Psicologia, com contribuições que podem favorecer avanços no campo da Psicoterapia de Casal e Família, com isso auxiliar no aprimoramento de processos terapêuticos junto ao público estudado. Informamos que os resultados do estudo serão divulgados para os participantes da pesquisa e instituição onde os dados foram obtidos.

Declaramos, ainda, o nosso compromisso segundo normas da CONEP, assegurando que os dados coletados serão mantidos em sigilo, ou seja, a publicação não incluirá informações que permitam qualquer identificação. Após 5 (cinco) anos que a pesquisa for concluída, os dados serão destruídos.

Em caso de dúvidas, o(a) senhor(a) poderá solicitar informações com a responsável pela pesquisa - Profa. Dra. Máira Bonafé Sei (CRP 06/69177 IS/PR 281) - a qualquer momento e sobre quaisquer aspectos éticos do projeto, pelo telefone: xxxxxxxxxxxxxxxx ou pelo endereço eletrônico xxxxxxxxxxxxxxxx ou ainda por meio do “Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos - CEP-UEL” - situado no LABESC - Laboratório Escola, Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380 (PR 445), Campus Universitário - Londrina/PR - CEP: 86057-970. Endereço eletrônico: cep268@uel.br. Telefone: (43) 3 371-5455, ao qual esta pesquisa foi submetida.

Este termo foi elaborado em duas vias de igual teor, que após serem assinadas pelo responsável pela pesquisa e pelo senhor(a), uma ficará com o senhor(a) e uma será devidamente arquivada. Respeitando, portanto, o procedimento de padrão ético em pesquisa, pedimos que o senhor(a) autorize sua participação, assinando esse termo de consentimento.

Eu,

informado(a) dos objetivos da pesquisa acima e certificado(a) de que os dados coletados serão

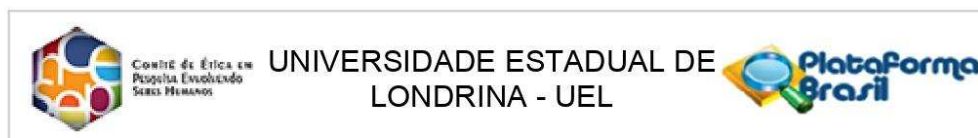
confidenciais e que poderei optar pela retirada do consentimento a qualquer momento da pesquisa, autorizo a participação de meus dados na pesquisa, além da gravação de voz e vídeo da entrevista.

Londrina, ____ de _____ de 20____

Assinatura do Participante

Assinatura do Responsável pela Pesquisa

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A psicoterapia de casal e família na Clínica Psicológica da UEL: a visão dos pacientes

Pesquisador: Maira Bonafé Sei

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 74920823.1.0000.5231

Instituição Proponente: CCB - Departamento de Psicologia e Psicanálise

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.504.494

Apresentação do Projeto:

As informações aqui apresentadas foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2229157.pdf de 07/11/2023)

Resumo:

Sabe-se que o olhar psicanalítico sobre as relações familiares surge com Freud, mas o atendimento a casais e famílias é algo delineado posteriormente. Neste sentido, nota-se que tal tipo de intervenção clínica nem sempre é ofertado no contexto da formação em Psicologia e, conseqüentemente, nos serviços-escola de Psicologia. Entretanto, na Clínica Psicológica da UEL, a psicoterapia de casal e família é realizada desde 2012, por meio de projetos de extensão. Entende-se, então, ser interessante avaliar a prática realizada, almejando conhecer a visão dos pacientes acerca do atendimento em questão. Objetiva-se, assim, realizar um estudo de follow up da psicoterapia de casal e família cujos atendimentos foram realizados na Clínica Psicológica da UEL, visando analisar a visão quanto ao atendimento ofertado, de forma a avaliar a qualidade do serviço prestado e discutir possíveis impasses, limites e alcances. Busca-se, com isso, fomentar a discussão, subsidiar outros estudos na temática e possibilitar o aprimoramento da prática e melhor atendimento à população.

Critérios de inclusão:

Participarão do estudo casais e famílias atendidas na Clínica Psicológica da UEL e que tenham realizado um mínimo de 10 sessões de psicoterapia.

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

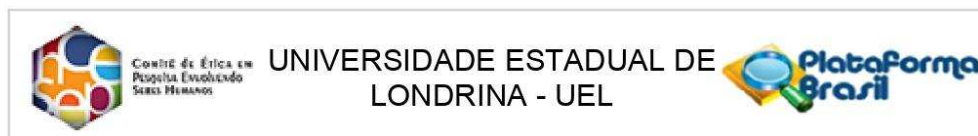
CEP: 86.057-970

UF: PR

Município: LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 6.504.494

Objetivo da Pesquisa:

As informações aqui apresentadas foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2229157.pdf de 07/11/2023)

Objetivo Primário:

Analisar os processos e fenômenos envolvidos na psicoterapia de casal e família a partir da visão de pacientes atendidos na Clínica Psicológica da UEL.

Objetivos Secundários:

- Avaliar a qualidade do atendimento realizado junto aos casais e famílias.
- Compreender os impasses, limites e alcances da psicoterapia de casal e família na perspectiva dos pacientes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As informações aqui apresentadas foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2229157.pdf de 07/11/2023)

Riscos:

Os riscos estão relacionados principalmente ao fato do participante poder sentir algum desconforto ou constrangimento decorrente das questões levantadas na entrevista.

Benefícios

Os benefícios estão vinculados à possível contribuição para avanços no campo da Psicoterapia de Casal e Família, auxiliando no aprimoramento de processos terapêuticos junto ao público estudado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um estudo nacional unicêntrico. A pesquisadora informa que farão parte do estudo 10 participantes e que o financiamento será próprio. A pesquisadora informa, ainda, que serão consultados os prontuários de casais e famílias atendidos na Clínica Psicológica da UEL mas ressalta que se tratam de atendimentos coordenados pela própria pesquisadora e que, inclusive, detém a guarda legal dos registros psicológicos advindos destes atendimentos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto: apresentou folha de rosto adequadamente preenchida e assinada pela chefe do Departamento de Psicologia e Psicanálise, CCB, UEL.

Projeto de Pesquisa: apresentado e estão incluídas as perguntas da entrevista semiestruturada.

TCLE: adequado.

Declaração de Concordância da instituição: apresentada e assinada pela Diretora da Clínica

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

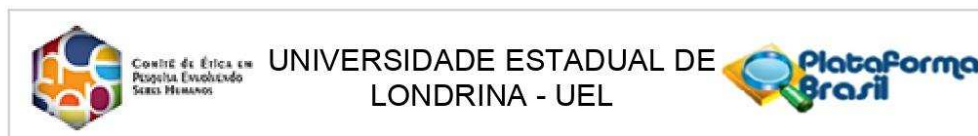
UF: PR

Município: LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

CEP: 86.057-970

E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 6.504.494

Psicológica.

Orçamento e financiamento: o financiamento é próprio e orçamento apresentado no valor de R\$ 500,00 referentes a material de escritório.

Cronograma: apresentado para 24 meses com início da coleta de dados prevista para 01/03/2024.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade apresenta-Lo aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Ressaltamos, para início da pesquisa, as seguintes atribuições do pesquisador, conforme Resolução CNS 466/2012 e 510/2016:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- apresentar dados solicitados pelo sistema CEP/CONEP a qualquer momento;
- desenvolver o projeto conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;
- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
- justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Coordenação CEP/UEL.

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

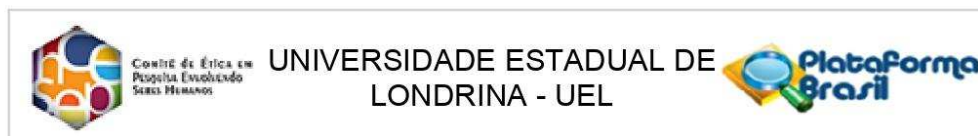
UF: PR

Município: LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

CEP: 86.057-970

E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 6.504.494

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2229157.pdf	07/11/2023 10:12:25		Aceito
Outros	cartaresposta.docx	07/11/2023 10:12:01	Maíra Bonafé Sei	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	07/11/2023 10:04:53	Maíra Bonafé Sei	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	07/11/2023 10:04:35	Maíra Bonafé Sei	Aceito
Declaração de concordância	Concordancia.pdf	11/10/2023 15:20:09	Maíra Bonafé Sei	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Confidencialidade.pdf	11/10/2023 13:21:46	Maíra Bonafé Sei	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	11/10/2023 13:21:17	Maíra Bonafé Sei	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 13 de Novembro de 2023

Assinado por:
Adriana Lourenço Soares Russo
(Coordenador(a))

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

CEP: 86.057-970

UF: PR

Município: LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br